



Raquel Horta Fialho do Amaral

**Ciência e Psicose
Sobre o fim do vazio**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC – Rio como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Marcus André Vieira

Rio de Janeiro
Março de 2010.



Raquel Horta Fialho do Amaral

Ciência e Psicose Sobre o fim do vazio

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Marcus Andre Vieira

Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Guilherme Gutman Correa de Araujo

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Francisco Leonel de Figueiredo Fernandes

UFF - RJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 19 de Março de 2010.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Raquel Horta Fialho do Amaral

Graduou-se em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF (Formação de Psicólogo e Bacharelado) em 2002. Especializou-se em Psicanálise e Saúde Mental pela UFF através do Programa de residência em Saúde Mental do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba/Niterói em 2005. Coordenou, de 2008 a 2010, o SIAF – Serviço de Internação de Agudos Feminino, enfermagem psiquiátrica para pacientes do sexo feminino, situada dentro do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba.

Ficha Catalográfica

Amaral, Raquel Horta Fialho do

Ciência e psicose: sobre o fim do vazio / Raquel Horta Fialho do Amaral ; orientador: Marcus André Vieira. – 2010.

86 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Psicologia)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Sujeito. 3. Ciência. 4. Psicose. 5. Forclusão. 6. Vazio. I. Vieira, Marcus André. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

Ao Marcus André, meu orientador, pela precisão nas intervenções, pelo acolhimento e confiança, pela disposição em se embrenhar comigo em um tema tão árduo, pelo respeito ao meu texto e pela paciência.

Ao meu pai e à minha mãe por todas as preces, por todo alento, pelo esmero, pela força... por tudo. Aos meus irmãos pelo suporte, pelo imenso carinho, pelas risadas. À minha “vó Pequita” pelo feijão e pelo “paco-paco”.

Ao Pedro, por cada carnaval.

À Flávia, Queiti, André pela parceria incondicional que, tenho certeza, resistirá à distância e ao tempo.

Aos trabalhadores do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, todos eles fundamentais na minha formação. Em especial agradeço a Eduardo Rocha, Maritelmá Vieira e Raquel Oliveira pelo afeto, por tanto contribuírem na minha formação e por acreditarem no meu trabalho.

A todos os meus colegas de mestrado da PUC - Rio, em especial à Adriana pelo empurrão que faltava para começar e para concluir o mestrado e à Fran, Pedro, Fabrício e Nataly pelos *diálogos possíveis* e pela promessa do peixe em Itaipu.

Aos colegas que contribuíram para as discussões nos seminários “Invenções – A política do sintoma” e “Lições da Psicose”, realizados na EBP seção Rio.

Aos professores que participam da Comissão Examinadora.

À CAPES e à PUC - Rio, pelo incentivo à realização deste trabalho.

Resumo

Amaral, Raquel Horta Fialho do; Vieira, Marcus André. **Ciência e Psicose: sobre o fim do vazio**. Rio de Janeiro, 2010. 86p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação pretende estabelecer uma analogia entre ciência e psicose através das operações de forclusão do sujeito e do Nome-do-Pai, respectivamente, buscando encontrar na clínica da psicose orientações para a posição da psicanálise diante do discurso da ciência na cultura. Discorreremos sobre o sujeito da ciência, a partir de Koyré, para localizá-lo como ponto seminal para o nascimento do sujeito da psicanálise. Em seguida, elencaremos o que Lacan especificou como próprio do sujeito da psicanálise, aproximando este sujeito da noção de vazio. Ponderaremos sobre o destino que a ciência moderna reserva ao sujeito tal como ele é concebido pela psicanálise alcançando a noção de forclusão do sujeito. Analisaremos a forclusão através da sua incidência na psicose e elencaremos os seus efeitos observáveis nessa clínica ressaltando neles a possibilidade de organização no mundo sem o parâmetro do Pai. Cotejaremos a forclusão do Nome-do-Pai com a forclusão do sujeito no intuito de notar as proximidades e distinções entre ciência e psicose. Como ilustração dos fenômenos decorrentes do discurso científico na cultura, lançaremos mão da sociedade ‘líquido-moderna’ visando definir os impasses, mas também esboçar as possibilidades de intervenção na cultura pela psicanálise.

Palavras-chave

Sujeito; ciência; psicose; forclusão; vazio.

Abstract

Amaral, Raquel Horta Fialho do; Vieira, Marcus André (Advisor). **Science and psychosis: the end of emptiness**. Rio de Janeiro, 2010. 86p. Msc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation intends to establish an analogy between science and psychosis, by verifying that both share a common operation of forclusion, of the subject and of Name-of-the-Father, respectively. We intend also to find in the clinical picture of psychosis orientations for the psychoanalyst's position towards the scientific discourse present in today's culture. We will discuss about the scientific subject, from Koyré, as the seminal conception for the birth of the psychoanalytic subject, and then indicate what Lacan has specified as this psychoanalytic subject, approaching it to the notion of emptiness. We will reflect about the destiny that modern science reserves to the subject - as it is conceived by psychoanalysis-, that is, the subject's forclusion. This operation will be considered in regard to its incidence on psychosis, where it constitutes a possibility of organization of the world without the Father's parameter. Both the subject's and the Name-of-the-Father's forclusion will be compared, in their similarities and discriminations, in order to put science and psychosis side to side. As an illustration of the phenomena of the scientific discourse, we will make use of the 'modern-liquid' society, defining dilemmas, but also outlining possibilities of some intervention in culture.

Keywords

Subject; science; psychosis; forclusion; emptiness.

Sumário

1. Introdução	9
2. Sujeito e vazio	
2.1. O sujeito da ciência e o da psicanálise	15
2.2. O sujeito da psicanálise	18
3. A foraclusão do impossível pela ciência	
3.1. A ciência moderna e a matematização do real	25
3.2. O “não-querer-saber-nada” sobre o vazio	31
3.3. A remoção do impossível como foraclusão do sujeito	35
4. A foraclusão do impossível na psicose	
4.1. O foraclusivo	41
4.2. Verwerfung e foraclusão	42
4.3. Da foraclusão ao retorno no real	45
4.4. O Nome-do-Pai e sua incidência sobre o impossível	50
4.5. O impossível e a sua foraclusão na psicose	54
4.6. Os fenômenos da psicose à luz da teoria da foraclusão	56
5. Ciência, Psicose e foraclusão	
5.1. A <i>Unglauben</i>	58
5.2. A hipertrofia do imaginário	60
5.3. Fim da impotência, foraclusão e fabricação do impossível	62
5.4. O postulado e a reconstrução da realidade	65
5.5. As complicações de um discurso sem vazio	67
5.6. Impasses, limites e caminhos possíveis	71
6. Conclusão	76
7. Referências Bibliográficas	81

Vocês vêm como são as coisas. As coisas são feitas de esquisitices. Talvez seja um caminho pelo qual se possa esperar um futuro da psicanálise – ela devia se dedicar suficientemente à esquisitice.

Jacques Lacan (2005b: 64)

1 Introdução

A presente dissertação discute as relações entre o discurso científico e a psicose de forma a refletir sobre as possibilidades da intervenção psicanalítica no contexto contemporâneo. Esta é uma dissertação otimista. Pelo menos, foi no que ela se tornou com o caminhar. Nosso ponto de partida funda-se no paralelo empreendido por Jacques Lacan entre ciência e psicose - analogia que para mim vinha acompanhada de uma preocupação com os tempos atuais, com a previsão de um futuro aterrador. Mas por que a aproximação entre ciência e psicose tomou para mim esse tom pejorativo de ruína, de fracasso? O que isso tinha a ver com a minha experiência clínica junto à psicose?

A saúde mental é, dentro da esfera pública, o campo da saúde que se empenha a cuidar daqueles que precisam de ajuda por serem acometidos pelo sofrimento mental. No passado, limitada aos hospitais que só podiam responder ao problema da loucura com internações, a saúde mental complexificou seu aparato clínico a partir da reforma psiquiátrica investindo na abertura de CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) e incrementando a assistência nos ambulatorios. Uma das propostas atuais da saúde mental é, a partir desses recursos inseridos no território, providenciar agenciamentos clínicos e sociais que sustentem os que sofrem em um tratamento que os auxilie a enfrentar as questões referentes a sua existência.

A saúde mental é, sabidamente, um campo de atuação difícil tanto pela complexidade das questões envolvidas, quanto pela imprevisibilidade inerente a nossa prática que, necessariamente, terá que ser repensada a cada caso. Mas, para responder às perguntas que me formulei, foi necessário deixar outras questões do campo da saúde mental em geral, para focar na minha trajetória nesse trabalho, particularmente.

Minha formação – estágio e residência, se dirigiu prioritariamente aos dispositivos de saúde mental e mais recentemente me dediquei por dois anos ao Serviço de Internação de Agudos Feminino (SIAF) do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, que funciona como única enfermaria para internação psiquiátrica pública do município de Niterói. Trata-se de um serviço que se destina a receber as pacientes em um momento crítico da psicose para, depois de estabilizada a crise, encaminhá-las para o seu tratamento na rede extra-hospitalar. O SIAF recebe desde pacientes nos primeiros momentos do desencadeamento da psicose, até pacientes com um longo histórico nos dispositivos de saúde mental, já vinculadas aos CAPS ou aos ambulatórios. Isso significa que nos encontramos no SIAF tanto com pacientes que nunca tiveram nenhum suporte clínico em saúde mental, quanto com pacientes que já dispararam as intervenções de toda uma rede de cuidados.

Neste percurso, a inserção dos pacientes nos CAPS ou ambulatórios de modo algum demonstrou que a psicose passa a funcionar bem pelo fato em si do paciente encontrar-se em tratamento. Deparamo-nos com casos que apesar da vinculação ao serviço extra-hospitalar, apesar do enorme investimento da equipe desse serviço e de um variado e particularizado arsenal terapêutico, esse suporte fracassa e as pacientes chegam ao SIAF desmanteladas subjetivamente. Ainda que as equipes tentassem sustentar que a paciente não se internasse adequando o serviço para receber e cuidar da crise, freqüentemente, era impossível evitar a internação. Isso gera tensão dentro uma política pública de saúde mental que pretende prescindir da internação e que nos faz tomar cada reinternação como fracasso.

Quem trabalha com a internação, trabalha com o fracasso, com o que não deu certo e talvez esse seja o tom no qual a psicose tem reverberado em mim. Assim, fica mais visível o porquê do advento da ciência ser tomado por mim, a princípio, como catástrofe: se a psicose é ruína, logo uma cultura regida por um modo de funcionamento em que predomina uma abolição radical do sujeito, que Lacan (1955-56) denomina “foraclusão”, por ele constatada tanto na ciência quanto na psicose, certamente também o seria.

Só foi possível começar assim, ou seja, tentando alertar sobre os absurdos e os perigos desse *admirável mundo novo*, e só porque parti deste começo, é que algumas mudanças puderam paulatinamente ir se apresentando na confecção desta dissertação. São mudanças modestas, nenhum *insight*

fabuloso, nada que eu já não tenha ouvido falar antes. O que vale é que algumas noções básicas, portanto fundamentais, sobre ciência, sujeito e psicose, dentre outras puderam ser intimamente reformuladas, puderam ser rearticuladas a partir do meu caminhar.

Mas, antes de falarmos do ponto de chegada, vamos primeiramente a como se deu o percurso escolhido para abordar as semelhanças e as distinções existentes entre o discurso da ciência e a psicose.

O primeiro capítulo aproxima-se da construção da noção de sujeito da psicanálise como vazio. Veremos que é justamente este vazio que segundo Lacan (1965) está foracluído na ciência. Começaremos pensando em como “o encaminhamento de Freud é cartesiano” (Lacan, 1964: 38), delimitando o sujeito da ciência e tomando o seu nascimento como ponto seminal para o que veio a ser o sujeito da psicanálise. Com base nas indicações de Lacan e de seus desdobramentos por J. C. Milner (1996) veremos que a dúvida hiperbólica indicada no *cogito* cartesiano inaugura o modo de pensar moderno ao instituir que o pensar só é índice da verdade quando desbastado de toda característica.

É condição que o sujeito da ciência esteja despojado de qualquer predicado, da consciência de si inclusive, e esta condição termina por desvincular o pensamento da consciência. Segundo Milner (1996) ao fixar um ponto de ancoragem da verdade em um além da consciência, Descartes abre as portas para o pensamento freudiano sobre o inconsciente. Lacan avança sobre a questão do sujeito da psicanálise localizando a origem deste no campo da linguagem e o submetendo às leis desta. Isso faz necessário que nos debrucemos sobre a linguagem e suas leis para compreendermos de que maneira ela engendra e determina o funcionamento do sujeito. Confluindo nossas observações sobre o *cogito* e a leis da linguagem, veremos que o sujeito se estrutura de um modo que o aproxima mais da hiância - do furo¹, do que da consistência. É por ser, veremos, um *vazio estruturante* (Vieira, 2008b: 32) que o sujeito pode funcionar como força motriz que alinhava ao seu redor os significantes, somente assim, vindo a conferir uma aparente identidade, um *eu* como contorno a esse vazio. Por ser esse furo que sustenta a estrutura do discurso, também nos remeteremos a ele como um impossível, não porque ele seja impossível de ser preenchido, mas sim porque ao fazê-lo desfigura-se a

¹ Veremos durante a dissertação que o “furo” merece uma definição rigorosa para que as reflexões dessa dissertação façam sentido.

estrutura original que portava este furo e esta passa a ser diferente do que era a princípio.

A partir destas reflexões sobre o sujeito da psicanálise, discutiremos no segundo capítulo, sobre o destino que a ciência lhe reserva a partir dos constructos teóricos de Koyré (1982, 2006). Para isso, será preciso apreender os fundamentos da ciência moderna para localizar neles a raiz do que Lacan designou como *foraclusão*. Veremos que a ciência moderna tem a matemática como linguagem suprema e que o postulado sintetizado por Galileu de que Deus construiu o mundo em linguagem matemática, extingue a distância entre os números, as figuras geométricas e o mundo real. É a partir desse postulado que a ciência ergue o seu edifício teórico passando a se dirigir ao campo empírico, entendendo que este é composto por matema.

Deste ponto do segundo capítulo até o seu final tento me aproximar de como seria a relação da ciência moderna e o vazio que nomeamos a partir de Lacan como sujeito. Primeiro poderemos notar um desinteresse por esse vazio, porque este não servirá para nada no estabelecimento das leis científicas. Mas precisaremos ir adiante porque dizer que a ciência não se interessa ou que ela ignora o impossível não nos informa sobre a radicalidade da operação da ciência sobre o sujeito.

Ao tomarmos a contraposição entre ciência antiga e moderna empreendida por Koyré (1982) poderemos perceber que na passagem de uma ciência para a outra a maneira como o cientista se dirige ao mundo sofre uma mudança importante. O real, que na antiguidade era tido como hermético e preñado de mistérios, ao ser entendido como composto por caracteres matemáticos na modernidade, passa a ser um real acessível, legível. Neste sentido, não existiria mais nenhum ponto obscuro que a ciência moderna não pretendesse iluminar ou que para ela fosse impossível conhecer ou desvendar.

Veremos que Koyré (1982) sinaliza uma exclusão do vazio estruturante pela ciência moderna e, para ver no que essa exclusão sublinhada por Koyré coincide com a *foraclusão* do sujeito, precisaremos nos deter sobre a operação lógica da *foraclusão*, mecanismo lógico próprio da psicose, tal qual designada por Lacan (1955-56).

Após a reflexão sobre o destino que a ciência dá ao vazio, passamos ao terceiro capítulo, no qual discutiremos a noção de foraclusão a partir da teoria da psicose. Partiremos, com base no estudo de Michel Arrivé, do uso do foraclusivo na língua francesa, indicando que este expulsa a ação ou idéia em questão do campo do que é possível, para chegarmos a *Verwerfung* isolada por Freud em 1894 como mecanismo de defesa da psicose. Freud sinaliza que a partir da *Verwerfung* não há registro algum da representação, enquanto que em *Verneinung*, mecanismo relativo à neurose, a representação seria somente negligenciada, ignorada.

Como Freud insistiu, a representação não deixa de existir mesmo que não se tenha registro da sua existência porque ela retorna e o mecanismo que incidiu sobre ela determinará a modalidade desse retorno. Lacan nos informa que o retorno do que sofreu *Verwerfung* vai se dar no real e para aclarar o que isso significa nos apoiaremos na alucinação como fenômeno que nos esclarece sobre o retorno do foracluído bem como nos subseqüentes efeitos dessa irrupção. Adiantamos que na alucinação algo desconhecido até então irrompe provocando estranheza e um verdadeiro remanejamento do mundo no sentido de acomodar isso que surge. Essa acomodação deflagrada pela alucinação não portará um furo em sua constituição, o que caracteriza o que Lacan designa como construção imaginária.

Esse caminho que vai da *Verwerfung* até a mediação imaginária entre o sujeito e o mundo se dá desta forma e não de outra porque o que é foracluído tem uma importante função de sustentação do furo e, sem esta instância a possibilidade desse furo se manifestar dentro da ordem simbólica será cortada pela raiz. Lacan discrimina esse elemento foracluído na psicose como o Nome-do-Pai e nos deteremos em sua operação lógica sobre o impossível, na função desse vazio estrutural da linguagem. Será necessário que cotejemos as marcas de sua entrada na neurose, fazendo alusão às expressões “estrada principal” (Lacan, [1955-56]: 329) e “ponto de basta” de Lacan ([1955-56]: 303), para alcançarmos os efeitos de sua foraclusão na psicose.

Veremos que a presença do Nome-do-Pai oferece balizas à estruturação no sujeito neurótico, contudo, esta função se encontra foracluída na psicose. Desta forma, tornou-se necessário entender de que forma se estrutura o sujeito psicótico, e para tanto, encontramos em Lacan as indicações de que a psicose

seria uma via alternativa de estruturação, um caminho não referenciado pelo Nome-do-Pai.

No capítulo final retomaremos os elementos dos capítulos anteriores para notar as coincidências e as diferenças existentes entre ciência e psicose principalmente no que tange à posição destas diante da linguagem, bem como os efeitos desta posição. Partindo da concepção de sujeito da psicanálise como impossível, afirmamos que na ciência e na psicose há a forclusão do impossível. Tal afirmação nos levou a refletir sobre os efeitos da ação do discurso científico sobre o campo do sujeito. Assim, entendemos a ciência como discurso que incide de maneira importante na modernidade, tendo como ilustração alguns dos fenômenos da sociedade líquido-moderna de Bauman (2009) para refletir sobre os impasses e as possibilidades que se colocam para a intervenção da psicanálise nesse ensejo.

2 Sujeito e vazio

2.1 O Sujeito da Ciência e o da Psicanálise

[...] o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência.

Jacques Lacan, 1965: 858.

Ao longo de sua obra, Lacan ao se debruçar sobre a noção de sujeito da psicanálise comumente retoma Descartes. Isso se justifica pelo papel inaugural que Descartes e seu *cogito* ocupam diante da ciência moderna e, mais especificamente, na delimitação do sujeito da ciência. Mas o que nos interessa na discussão sobre o sujeito da ciência quando nossa intenção nesse capítulo é nos aproximar do sujeito da psicanálise? Com o decorrer deste texto pretendo lembrar porque pensar sobre o nascimento do sujeito da ciência é passo fundamental para pensar o sujeito da psicanálise - chegando a encontrar no cerne da questão do sujeito da psicanálise o sujeito da ciência. Através de Lacan e Milner veremos como Descartes, ao inaugurar o modo de pensar moderno com a dúvida hiperbólica de seu *cogito*, abre as portas para o pensamento freudiano.

Na busca pelos verdadeiros fundamentos do conhecimento Descartes considera que estes seriam acessíveis através da contemplação, raciocínio e questionamento cuidadosos. Ao contrário dos empiristas clássicos que acreditavam que a certeza poderia ser acessada através dos sentidos, o racionalismo de Descartes taxa todas as qualidades sensíveis como passíveis de serem postas em dúvida e, portanto, inúteis como pistas no caminho para a verdade. Trilhando este caminho Descartes segue eliminando todo traço ou característica, fazendo restar como único ponto de verdade o próprio pensar. O que resta da filtragem rigorosa proposta por Descartes é somente a pura atividade de pensar como irrevogável, afinal de que se pensa não seria possível duvidar e esse pensamento atestaria a certeza da existência deste ser pensante – conclusão que fora sintetizada no aforismo “*penso, logo, existo*”.

Mas o pensar só é considerado índice de uma certeza quando esvaziado de qualquer predicado, de toda característica. Ali, nos termos de Milner (1996:34), nesse “pensamento sem qualidades”, é que seria lugar do conhecimento, pois tudo o que se encontraria ao redor disso, em camadas mais superficiais, seria incerto. Tudo o que se refere ao conteúdo do pensamento manifesto o *cogito* cartesiano considera revogável e nesse conjunto de pensamentos podemos incluir a consciência de si. Esta, a partir de Descartes, deixa de ter caráter essencial e de ser uma propriedade constitutiva do sujeito para ser vista como um elemento que obnubila nossa capacidade de conhecer o verdadeiro. É submetido a essa filtragem que o sujeito da ciência se constitui: “ele não tem nem Si, nem reflexividade, nem consciência” (Milner, 1996: 33).

São as exigências da ciência que tornam possível não mais conferir um papel central à consciência – à consciência de si em especial, para a existência de um sujeito. A desvinculação entre consciência de si e sujeito já anuncia em quê o sujeito cartesiano se assemelha ao sujeito freudiano, pois seguindo a trilha deixada por Descartes, Freud também observa que esse território mais superficial e prenhe de qualidades é tradicionalmente abordado pela filosofia como sendo equivalente ao sujeito (Ibid.: 35). Diante disso Freud propõe que consideremos essa superfície como um dos pólos que compõe essa estrutura mais complexa chamada sujeito e trata desse pólo como sendo o *eu*. Porém, em Freud (1923: 68) o *eu* não só deixa de corresponder ao sujeito como também é destituído do posto de comandante dessa estrutura para ser rebaixado a “uma pobre criatura” que deve serviços e é ameaçado por três senhores: o mundo externo, a libido do *isso* e a severidade do *supereu*.

Tratar o funcionamento do sujeito a partir da tríade *isso*, *eu* e *supereu*, mais do que desembocar num modelo de aparelho psíquico com determinados compartimentos e funções correspondentes, faz notar uma concepção de sujeito tomado numa divisão conflituosa e constitutiva que produz efeitos que em sua maioria não são conhecidos pelo *eu*¹. Lacan, como veremos pormenorizadamente a seguir, sustenta esta leitura de sujeito proposta por Freud.

Ser psicanalista é simplesmente abrir os olhos para essa evidência de que não há nada mais desbaratado que a realidade humana. Se vocês crêem ter um eu bem adaptado, razoável, que sabe navegar, reconhecer o que tem de ser feito e o que não tem de ser feito, levar em conta as realidades, não resta senão mandá-los para longe daqui. (Lacan [1955-1956]: 99)

Em Descartes e em Freud a verdade está mais próxima quanto mais nos aproximamos da dúvida, do que não é evidente e do que é efêmero. Nos sintomas e

¹ Sobre essa “divisão primordial” ver também em Lacan, (2005b: 44)

nos sonhos de seus pacientes Freud se depara com um pensamento que opera neles em completa independência da consciência – pensamento que logo viria a ser chamado de inconsciente. O que surge no conteúdo manifesto do sonho como estranho e descontínuo, falho e incerto é índice de uma certeza para Descartes e signo de um outro pensamento – o inconsciente, para Freud. Isso posto, já é possível ver com mais clareza porque o sujeito freudiano e o sujeito encetado por Descartes coincidem (Lacan, 1964: 38).

Na companhia de Freud e de Lacan, acompanhamos Descartes no seu primeiro momento do *cogito* quando ele insiste na dúvida visando atingir o certo, obtendo o ponto que resistiu à dúvida. Já o segundo passo dado por Descartes na segunda oração do *cogito* – “... *logo existo*”, não é acompanhado por Lacan, pois se Descartes chega ao pensamento qualificado e à consciência a partir da dúvida, Lacan se detém no primeiro tempo - o da dúvida que coloca em questão todo e qualquer atributo, e mantém em suspenso este momento antes que ele desdobre em qualquer definição. Ainda que esta dúvida seja um caminho para alcançar a certeza da razão, o mais importante que podemos extrair dela é que, ao desprover o pensamento de predicados e ao fixar um ponto de ancoragem num além da consciência, ela criou condições favoráveis para o aparecimento do sujeito da psicanálise, este sujeito que “não poderia, de maneira nenhuma, estar situado de uma maneira exaustiva na consciência, posto que ele é de início e primitivamente inconsciente” (Id., [1962-63]: 94).

Lacan dá maiores conseqüências ao *cogito* em suas considerações sobre o sujeito ao concluir que “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (1957:521)². Significaria dizer que quando estamos sob o controle do nosso pensamento, não somos, nos distanciamos do que de fato consistimos; aproximamo-nos do que somos quando não pensamos pensar, quando nos surpreendemos conosco. Porém, ainda que a consciência de si deixe de ser condição e morada do sujeito do inconsciente, o inconsciente não é externo ao sujeito. Se outros campos de saber que também abordam a verdade como a magia ou a religião separam esse inconsciente e sujeito³, Lacan (Ibid.,:518) esclarece que “a experiência psicanalítica não é outra coisa senão estabelecer que o inconsciente não deixa de fora de seu campo nenhuma de nossas ações”.

² Ver também em Lacan, 1970: 436.

³ Dedicar-me-ei mais cuidadosamente a essa discussão no terceiro capítulo.

É, portanto, através da operação da ciência moderna que se torna possível conceber a questão do sujeito em contraposição a uma idéia egocentrista de totalidade e de núcleo. Esse desbastamento do eu pela psicanálise é tido como uma ferida narcísica sendo comumente comparado à revolução copernicana porque, se a segunda remove a terra do centro do universo destituindo o homem deste lugar de destaque no cosmos, a psicanálise destitui o *eu* do centro do aparelho psíquico (Id., [1954-55], 1970).

Mais do que remover o *eu* do centro, o que a psicanálise empreende é o fim da idéia de que há um centro, pois “centro” e “boa forma” são noções caras ao *eu* e estranhas ao sujeito da ciência e o da psicanálise. Isso explica as reservas de Lacan com relação ao termo “ciências humanas”, pois, insistindo na direção proposta por Descartes, podemos também concluir que não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe. Como elemento qualitativo, como consciência de si, como *eu*, o homem está excluído desde o ponto de partida do *cogito*, restando apenas o sujeito como ruptura com qualquer referência humanista: um sujeito desbastado de toda forma de individualidade empírica (Id., 1965: 871).

Se o sujeito freudiano não é outro senão o sujeito cartesiano, Freud deu um passo à diante nessa discussão e localizou nesse pensar sem centro, sem qualidades e endereço do sujeito – o inconsciente: “Aqui no campo do sonho, estás em casa” (Id., 1964: 47). Lacan, seguindo as pistas deixadas por Freud, amplia essa conclusão ao entender que a existência de um pensamento é sinal da existência do sujeito que interessa à psicanálise – o sujeito do inconsciente.

2.2 O sujeito da psicanálise

A heteronomia radical, cuja hiância no homem foi mostrada pela descoberta de Freud, já não pode ser encoberta [...]. Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita?

Lacan, 1957: 528

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo

Clarice Lispector, 2000:20

Milner e Koyré através de Lacan nos forneceram até aqui alguns fundamentos que nos possibilitam distinguir o sujeito da ciência e o da psicanálise do *eu*. Mas o que podemos afirmar especificamente sobre o sujeito da psicanálise? A afirmação “no começo, era o Verbo” (Lacan, 2005b: 77) anuncia a condição desse sujeito acometido pela linguagem, portanto, partiremos da premissa de que é preciso considerar a importante incidência do significante na constituição do sujeito - por ser a entrada dele no Real que faz nascer o sujeito (Id., [1962-63]: 94), para nos determos sobre a linguagem e suas leis compreendendo como ela patrocina o surgimento do sujeito e que marcas ela imprime em seu modo de funcionar.

Recorrendo aos princípios da lingüística de Ferdinand de Saussure, Lacan (1957: 500) concebe a estrutura da linguagem a partir da separação entre significante e significado, que seriam entendidos como “ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação”. Palavra e coisa não possuiriam uma correspondência natural a partir de Saussure e este corte - que é uma barra colocada entre significante e significado, dá a chance de iniciarmos uma reflexão sobre as ligações do significante bem como sobre o papel destas para a criação do significado.

A armadilha, o buraco no qual não se deve cair, é a de crer que o significado são os objetos, as coisas [...]. O sistema de linguagem, em qualquer ponto em que vocês o apreendam, nunca se reduz a um indicador diretamente dirigido a um ponto da realidade, é toda a realidade que está abrangida pelo conjunto da rede da linguagem. (Lacan, [1955-56]: 43)

O significante não representa o significado, tanto que uma significação só se sustenta quando remetida a outra, nunca bastando em si mesma e estando sempre em relação. Por isso a expressão “cadeia significante”, visto que o significante, por possuir uma estrutura que consiste em “ele ser articulado” (Ibid.: 504), só consegue se fechar dentro de um outro significante tal como os elos de uma corrente. É nessa insistência, que nunca alcança a consistência, que o significado desliza infinitamente sobre o significante (Id., 1957: 506). Se o significante não representa o significado, podemos, com Lacan, dizer que um sujeito é o que um significante representa para outro significante (Ibid., 1970: 411).

Inserido na linguagem que contém o mundo e cujas leis preexistem ao sujeito, o último se constitui pautado por elas o que significa que, o inconsciente, a verdade do sujeito se expressa no campo da linguagem e que “esse inconsciente não tem, ele mesmo, afinal, outra estrutura senão uma estrutura de linguagem” (Lacan, [1959-60: 45]).

As leis da linguagem impõem e patrocinam um contorcionismo que enquadram o aparecimento da verdade do sujeito nas entrelinhas do discurso, “*entre as palavras*” (Vieira, 2008b: 56). É justamente manejando a palavra através de recursos como, por exemplo, o da metáfora e da metonímia e trazendo-a de modo peculiar que é possível ao sujeito emitir a sua mensagem, ainda que ela seja sempre meio-dita, sempre impossível de ser toda incluída no discurso (Lacan, 1972: 454). Isso se justifica porque esta verdade passa pelo crivo da linguagem e recebe “a marca que a institui numa estrutura de ficção” (Id., 1960a: 822), o que faz com que a cadeia deixe de ter a função principal de comunicar um fato objetivamente para funcionar como meio material a partir do qual o sujeito cria uma mensagem particular se servindo da língua “para expressar algo completamente diferente do que ela diz” (Lacan, 1957:508).

Como pudemos ver, o significante e o significado, mais do que separados, possuem entre si uma insuficiência que persiste, que faz sempre restar algo de não-articulável e que faz persistir também a substituição do significante por outro. Essa lacuna estrutural da linguagem que se mantém através dessa rede de significantes que vai se encadeando, engendra um determinado funcionamento de sujeito: um sujeito que porta uma verdade, mas que dela só tem notícias de maneira tortuosa e incompleta. A partir dessas leis da linguagem o sujeito se estrutura de um modo que o localiza entre dois significantes, nos desvios (Vieira, loc. cit.) e que o aproxima mais do intervalo, do furo do que da substância.

Vale especificar qual noção de furo evocamos aqui e começemos por excluir a definição de furo que trata de uma estrutura na qual há uma carência para chegarmos até um estrutura que se define por portar um furo em sua constituição. Não tratamos aqui de um furo qualquer, e sim do furo em um sentido topológico que é primeiramente destacado por Lacan com a metáfora do oleiro e que Vieira (op. cit.: 57) retoma trazendo-o “como aquilo que está em torno de uma reta infinita”. Esta reta sendo infinita significa que será impossível alcançar o final, o fundo desse furo, o que lhe confere a função de “abertura para o infinito” (Ibid.:58)⁴.

Lacan, ao se debruçar sobre a noção de sujeito, retoma os fundamentos freudianos e também insiste na inexistência de qualidades nesse sujeito. Isso fica especialmente evidente em seu seminário sobre a ética quando Lacan utiliza a metáfora do oleiro para dizer que se comumente pensamos que a causa material deste objeto seria o próprio material, isto é, o barro, a cerâmica que é utilizada ali; para

⁴ Retomaremos essas considerações sobre o furo e o infinito posteriormente quando abordarmos a noção de Nome-do-Pai.

a psicanálise a causa material seria o vazio, o buraco (Lacan, [1959-60]; Freire et. al., 1996). É o vazio do vaso que introduz a perspectiva de ser preenchido, causando a borda, o entorno material. O sujeito para Lacan (Ibid.: 153) seria tal como esse vazio, esse *nihil*, em torno do qual a cadeia significante é bordada.

O sujeito na psicanálise se apresenta, tal como o vaso, como hiância, como *Spaltung*⁵ esvaziada de imaginário que só ganha algum corpo quando encarnado pelo significante. Percebemos que o corpo, a unidade é posterior, é conseqüência desse movimento de sujeito de dar contornos ao que é ruptura. É esse vazio que alinhava esses elementos imaginários podendo, somente assim, vir a conferir uma identidade, uma “subjetividade” como contorno a esse vazio.

Foi Freud quem nos revelou a incidência de um saber tal que, ao se subtrair a consciência, nem por isso deixa de se denotar estruturado, digo eu, como uma linguagem; mas articulado a partir de onde? Talvez de parte alguma em que seja articulável, já que é apenas um ponto de falta, impensável de outra maneira que não através dos efeitos pelos quais é marcado, e que torna precário que alguém se entenda dele. (Lacan, 1970:423)

É porque há o furo que o vaso é um vaso, visto que se obturamos o furo ele não é mais um vaso e passa a ser outra coisa. É nesse sentido que o furo é estrutural porque ele define e sustenta a composição que ele engendra e é nesse bojo que o aproximaremos, a partir de Lacan, ao impossível⁶. Se a manutenção do vazio é condição para a existência do vaso, o centro de um vaso não pode ser completado porque senão não há mais vaso e essa condição lógica estabelece um impossível. Devemos distinguir esse “impossível estrutural” de uma impotência, porque a impotência em tamponar o furo remeteria a uma dificuldade em fazê-lo e não é isso que está em questão aqui. O furo deve ser entendido como impossível porque é um “vazio estruturante” (Vieira, 2008b:32), do qual depende a estrutura e não como impotência por ser um ponto que resiste ao preenchimento.

Como imponderável, como só sendo possível de ser acessado através dos seus efeitos que nos aproximaremos dessa dimensão impensável de vazio do sujeito da psicanálise. Os traços tidos como pertencentes ao campo da essência, da identidade, da subjetividade ou qualquer outro traço que tenha raízes em uma substância ou unidade seriam considerados elementos agrupados a partir de algo que é primário, como efeitos de uma estrutura que nada tem a ver com uma consistência, mas sim com um vazio. Porém esse acabamento levantado em torno dessa fissura nunca está

⁵ Termo alemão que poderia ser traduzido como fenda, fresta, fissura, racha. Cf. Lacan, 1965: 869.

⁶ “Basta que se entenda ‘furo’ no sentido de um impossível” (Vieira, 1999).

constituído de uma vez por todas, sendo necessário que ele seja sempre refeito a cada momento, eternamente.

Nessa busca incessante por um corpo é que se sustenta a afirmação de Lacan sobre o sujeito como efeito do significante que remete para um outro significante, como puro vazio entre dois significantes. É a existência dessa fissura primordial que garante a necessidade desse constante encadeamento de significantes, que, conseqüentemente, dá estofo ao *eu* e dá liga ao nosso corpo.

Essa idéia de furo como o que dá estabilidade à estrutura nos distancia de uma definição de furo como interrupção da continuidade dos pontos de uma superfície, porque desta forma a definição do furo dependeria da definição de superfície quando o que defendemos aqui é justamente o inverso: “o furo, em vez de ser definido pela superfície, define-a” (Ibid.:58)⁷. A partir de Freud a superfície, o corpo, assim como o *eu* são produtos de uma operação psíquica que também interessou Lacan⁸ e que faz do corpo mais do que a soma de suas partes por entender que ele porta algo que está além dele e isto lhe confere vida.

Dessa forma, percebemos que a nossa consistência não é natural, que ela não está em nós, que ela depende de algo que destoa do todo e que quando esse furo desaparece, essa estabilidade alcançada pode se dissolver. Alguns quadros clínicos - a psicose está entre eles - nos permitem observar que não somos nosso corpo, que “nunca se é um sempre se tem um” (Vieira, 2008b: 106). Ganhamos o corpo através de uma operação, na qual o imaginário recobre o real vestindo-o com uma imagem, e dá liga aos feixes da pulsão e que quando esta operação falta, a unidade desvanece (Ibid.: 59, 76).

Esse furo que é o sujeito faz uma marca que organiza todos os pequenos fragmentos de mim e que singulariza todo o meu corpo, que faz com que eu ache que ele é meu. Porém esse todo não é formado pela junção das partes, ele é mais do que a soma delas. Não são essas imagens do que eu sou que sustentam o meu *eu*, o que dá estabilidade não é fixo nem consistente como essas imagens, mas sim algo dinâmico: o furo, o simbólico (Vieira, 1999).

⁷ Além de discutir amplamente esse estatuto do vazio na estrutura, Vieira (1999, 2008b) nos informa que esta definição de furo que descartamos aqui, pertence à geometria Euclidiana.

⁸ Refiro-me aqui aos estudos empreendidos por Freud (cf. 1914). Cf. também quanto a este ponto os desenvolvimentos de Lacan sobre a constituição da unidade corporal em seu estágio do espelho (1949), assim como seu esquema ótico (cf.1960b).

Que o próprio eu seja função da relação simbólica e possa ser afetado por ela em sua densidade, em suas funções de síntese, [...] só é possível em razão da hiância aberta no ser humano [...]. Eis o ponto de impacto da intrusão simbólica. (Lacan, [1957-58]: 13)

Para falar desta hiância tomemos como exemplo o primeiro sonho interpretado por Freud, o sonho de Irma. Freud decompõe a cena do sonho em muitos elementos - a palidez, a resistência da paciente, as placas esbranquiçadas e a cavidade bucal; e se depara com elementos nos sonhos para os quais as associações sobre o sonho convergiriam e que, mesmo sendo submetidos insistentemente a sua abordagem resistiriam à interpretação. Nas palavras dele esse ponto do sonho seria “um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar” (Freud, 1900: 556) devendo ser deixado na obscuridade porque a sua elucidação não traria conhecimento algum sobre o sonho. A esse trecho do sonho, Freud chama de umbigo dos sonhos e sobre ele Freud afirma que este seria o ponto de contato do sonho com o desconhecido, o centro incógnito⁹.

Só a imagem do umbigo já nos ajuda a pensar esse vazio, esse imponderável que é o sujeito, afinal o umbigo é uma parte do corpo que se define por ser furo, por não ser nada. O umbigo não é o entorno do umbigo, mas o furo ele mesmo. Porém, Freud vai além da imagem do umbigo e diz que ele é o ponto de contato nos sonhos com o desconhecido¹⁰, com o que não tem consistência alguma e que não terá apesar de todo esforço de alguma substancialização. Se o umbigo no sonho não informa nada sobre o sonho, sobre o que ele pode nos informar? Freud nesse ponto nos esclarece sobre o que há de mais elementar e difícil de ser apreendido em relação à constituição do sujeito: de que no cerne disso está um imponderável, um buraco como “deslocamento que é o sujeito de uma resistência essencial ao discurso como tal” (Lacan, [1957-58]: 524).

Isso não significa que o sujeito é insuficiente, incompleto, que há um além da estrutura e, este sim, seria total e completo, mas sim que essa estrutura se compõe e se sustenta porque há esse impossível. Ainda em seu “O Seminário, livro 11” (1964) Lacan afirma que é esta lacuna que subverte a nossa experiência e que, sem ela, o mundo estaria dado a priori e o nosso corpo se reduziria ao corpo anatômico, ao corpo tal como ele é concebido pela ciência (Vieira, 1999)¹¹.

⁹ Posteriormente o umbigo dos sonhos será relacionado ao “ponto de basta” trabalhado por Lacan em seu seminário sobre as psicoses. Por ora nos deteremos em sua definição de furo.

¹⁰ *unbekannt*, no original em alemão.

¹¹ Este ponto será extensamente abordado no segundo capítulo.

Sem esse furo as relações entre nós no real poderiam se passar através de relações inversamente recíprocas, afinal todo o nosso repertório de comportamento, tal como nos animais, seria orientado imaginariamente. Não se trata de conferir ao imaginário uma tarefa menos nobre ou um lugar hierarquicamente inferior com relação ao simbólico e ao real, até porque, se o vazio tem a sua função, é impossível viver absolutamente nele. É preciso algo que o contorne, o bordeje, que construa uma superposição de vida e morte, porque “[...] se a imagem desempenha igualmente um papel capital num campo que é o nosso, esse papel é inteiramente retomado, refeito, reanimado pela ordem simbólica” (Lacan, [1955-56]: 17).

Portanto, é justamente por não possuir uma substância, que o sujeito produz novidade, originalidade. É exatamente essa hiância, esse imponderável, o qual já podemos chamar sujeito, que pode funcionar como imprevisto, como o que dá vida ao que poderia ser inerte, constante e monótono porque ele insiste em escapar e em surpreender.

Tendo discutido a existência do impossível e localizado a sua função fundadora podemos avançar na discussão sobre o manejo desse vazio pela ciência.

3

A forclusão do impossível pela ciência

3.1

A ciência moderna e a matematização do real.

Assim, bem no início (do escrito Diálogo de autoria de Galileu), Simplicio, o aristotélico, sublinha que, ‘no que se refere às coisas naturais, nem sempre precisamos procurar a necessidade de demonstrações matemáticas’. Ao que Sagredo, que se dá o prazer de não compreender Simplicio, replica: ‘Naturalmente, quando não se pode consegui-lo. Mas, se se pode, por que não?’ (Koyré, A.1982:167)

Se pudemos aproximar a noção de sujeito da psicanálise do furo como impossível estrutural, podemos avançar na reflexão sobre o destino que a ciência reserva a esse ponto imponderável. Lancemos mão de Alexandre Koyré como nosso guia tal como ele foi para Lacan no entendimento dos fundamentos da ciência moderna, aproveitando também a leitura de J.C. Milner sobre o tema.

Na intenção de sublinhar os fundamentos da ciência moderna, em muitos momentos o farei através do contraste entre estes e as bases da ciência antiga pautando-me no que Milner (1996: 32) chamou de primeiro teorema de Koyré que observa a existência de um corte entre a episteme antiga e a ciência moderna. Mas é prudente que, antes de incursionarmos pela oposição entre ciência antiga e moderna, estejamos informados de que corte é esse.

Descartamos de início um corte temporal porque a história não comporta cortes, não caminha aos saltos e as divisões estanques entre um momento histórico e outro só existem nos livros escolares, pois se analisarmos de perto a passagem da ciência antiga para a moderna veremos que as fronteiras, os contornos bem delimitados vão se desfazendo. É claro que pequenas mudanças num longo espaço de tempo provocam uma distinção nítida, mas, segundo Koyré (1982: 16), a história da ciência não cabe em divisões categóricas e radicais. Isso nos leva a pensar que se há um

corde entre a ciência antiga e a moderna, este corte não é temporal, mas histórico. Dito de outro modo, este corte não pode ser definido através do tempo, através dos anos, como se a partir de determinada data a ciência antiga decaísse para que a ciência moderna entrasse em voga. Esse corte entre ciência antiga e ciência moderna se coloca como histórico porque ele marca na história uma mudança radical no postulado de base entre essas duas ciências¹.

As idéias modernas mudaram fundamentalmente o conjunto de conceitos e axiomas vigentes na antiguidade e podem ser consideradas uma ruptura em relação às concepções científicas medievais por terem introduzindo uma idéia inédita da natureza, da ciência e da filosofia. Para visualizarmos melhor este corte começemos pela ciência antiga, mais especificamente pela física de Aristóteles. Nela tudo tem seu “lugar natural” (Koyré, 1982: 158) e, estando neste lugar, todas as coisas resistem naturalmente a se deslocar dali sendo necessário algum tipo de violência para que qualquer movimento ocorra. Após receber essa violência, o corpo se movimentaria em direção ao seu estado perfeito e, como somente Deus teria alcançado o estado de perfeição, Aristóteles entende que o movimento é um processo transitório, um fluxo do Ser, um necessariamente eterno *vir a ser* (Ibid.: 159) cujo motor é a natureza do corpo que busca chegar a seu lugar próprio, perfeito.

[...] na síntese aristotélica, o mundo forma um Cosmo físico bem ordenado, Cosmo onde qualquer coisa se acha no seu lugar, em particular a Terra, localizando-se no centro do Universo, em virtude da própria estrutura desse Universo. (Koyré, 1982: 49).

O repouso, o lugar dos astros no cosmos, tudo seria explicado pela natureza do corpo em questão. Não podemos deixar de perceber que esta é uma teoria coerente, sofisticada e que mesmo partindo de fatos ou dados oriundos do senso comum, a física erigida por Aristóteles transpõe a observação destes alcançando uma construção teórica sobre o mundo que é considerável. Construção essa que não deixa de reconhecer e dar lugar à matemática ainda que a considere uma ciência de menor valor diante da física e da metafísica quando o assunto é o Ser. A física de Aristóteles é “antimatemática” (Ibid.: 185) devido à incompatibilidade entre os conceitos matemáticos e o ser estudado visto que este e sua natureza são de ordem qualitativa

¹ Essa visão sobre os avanços das teorias científicas como mudança de paradigma está em consonância com as observações de Thomas Kuhn (1975). Este físico que se debruçou sobre a história da ciência analisa o desenvolvimento da ciência ao longo do tempo e descreve que a passagem de uma teoria científica para outra que a sucederá se dá em um constante movimento no qual uma teoria se estabelece como paradigma até que outro paradigma – que virá caracterizar outra teoria científica, emerja. Tomando esta posição Kuhn ressalta que há uma invisibilidade das revoluções, que tendem a serem tomadas como evoluções da teoria, e orienta que “[...] consideraremos revoluções científicas aqueles episódios de desenvolvimento não cumulativo nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior” (Kuhn, 1975: 125)

e não correspondem à precisão da matemática. Na física de Aristóteles a matemática possui outros desígnios que não o estudo do Ser e é neste ponto que reside a diferença fundamental entre as ciências antiga e moderna, pois a matemática ganha lugar central na ciência moderna.

A ciência moderna tem a matemática como linguagem suprema (Koyré, 2006: IX), mas somente a partir de determinada concepção de mundo é que a matemática poderá ocupar tal lugar neste. Este mundo não pode ser o mundo aristotélico, já que o mundo de Aristóteles seria, como já vimos anteriormente, um mundo impreciso e qualitativo, o que inviabilizaria seu entendimento a partir da matemática. O platonismo antigo também não se harmoniza com esta proposta na medida em que a realidade seria uma cópia das figuras geométricas, porém uma cópia imperfeita. Galileu parte das idéias de Platão, mas as ultrapassa ao extinguir a distância entre as figuras geométricas e o mundo real afirmando que Deus construiu o mundo em linguagem matemática.

A concepção sobre o universo não foi mudando progressivamente até que Galileu compreendeu que ele era composto matematicamente. Na verdade, o percurso de Galileu foi exatamente o oposto: primeiro postula-se que “o grande livro do universo está escrito em língua matemática e seus caracteres são os triângulos, círculos e outras formas geométricas” (Galileu, 1978) para que outras concepções viessem em seguida como desdobramento desta primeira.

Galileu talvez seja o primeiro espírito a acreditar que as formas matemáticas eram efetivamente realizadas no mundo. Tudo o que existe no mundo está submetido à forma geométrica; todos os movimentos são submetidos a leis matemáticas, não só os movimentos regulares e as formas regulares que, talvez, sejam absolutamente inexistentes na natureza, mas também as formas irregulares. (Koyré, 1982:54)

Nisso consiste o corte histórico entre ciência antiga e moderna, nessa mudança radical de postulado que determina que não há mais ‘natureza dos corpos’ e que só há a matemática como causa do universo e de tudo o que nele for encontrado. Na ciência moderna tudo o que existe é constituído matematicamente de saída, a priori, e não como ponto de chegada, como conclusão alcançada a partir do raciocínio lógico. E isso é o que a ciência moderna tem de moderno, essa “redução do real ao geométrico” (Ibid.: 53), e é nisso que ela ultrapassa os limites que separam ciência medieval da modernidade².

² Esta é uma definição epistemológica de modernidade que tem os autores aqui citados como referência, existindo muito outras diferentes desta.

Vejamos que, a partir desse lugar que a matemática passa a ter dentro da ciência moderna há uma mudança radical de postulado com relação ao modo de pensar da ciência antiga que traz como conseqüência uma profunda modificação da concepção da realidade. Como exemplo dessa modificação Koyré freqüentemente traz o nascimento de uma nova cosmologia a partir do abandono do geocentrismo medieval e ascensão do heliocentrismo para, em um momento seguinte, se chegar ao universo acêntrico dos pensadores modernos. Desse processo de mudança do entendimento sobre o universo, Koyré (2006: 2) ressalta como ponto fundamental a passagem de um mundo finito e ordenado, no qual se encontrava uma hierarquia de perfeição e valor, para um universo indefinido ou infinito.

Se na cosmologia aristotélica o universo se estrutura a partir da natureza de cada objeto, por sua composição e característica, no universo moderno a física vem sobrepor-se à metafísica substituindo uma estrutura cósmica por uma força física. Os corpos celestes são todos postos desde então em pé de igualdade por não possuírem essência, mas sim um número determinado de massa. Nessa perspectiva a distância, o formato, o tamanho dos astros – questões que vinham ocupando um espaço importante das discussões científicas e filosóficas, deixam de ser discussões metafísicas para se tornarem um problema factual, uma questão de técnica de observação e cálculo do tamanho, da área, etc. Da mesma forma a questão sobre a constituição das estrelas tornou-se uma questão científica, pois caía por terra a oposição entre o mundo terrestre menos nobre e o mundo perfeito imutável dos céus.

A unificação e a uniformização do universo, em seu conteúdo e em suas leis, tornam-se um fato que dispensa demonstração – ‘Os céus e a terra são feitos de uma mesma matéria e não pode haver pluralidade de mundos’ (Koyré, 1964: 94)

Se é da linguagem matemática que se compõe toda a natureza, a discussão sobre as diferentes composições entre os astros deixa de existir.

Do universo heliocentrado, finito – mesmo que imensurável, esférico e hierárquico de Copérnico, no qual encontramos elementos mais ou menos nobres ou divinos; caminhou-se até o universo desprovido de centro, infinito e movido por forças de grandezas matemáticas de Newton. Neste, se um corpo se movimenta a natureza deste corpo em nada influi nisso. A natureza do corpo não determina o movimento e nem é alterada por ele: um é completamente alheio ao outro. O Cosmo estruturado e hierarquizado é substituído por um universo todo regido pelas mesmas leis, não há distinção dos corpos por suas naturezas, a lei que vale, vale para todos porque todos possuem a mesma natureza: a matemática (Koyré, 1982: 51).

Daí a escolha de Koyré em caracterizar o pensamento científico moderno através de dois de seus traços principais: o fim da concepção de um cosmo fechado – o que fez desaparecer todas as afirmações que derivassem dessa concepção, e a substituição de um espaço homogêneo e abstrato por outro concreto, nas palavras de Koyré (Ibid.: 155) “a matematização (geometrização) da natureza e, por conseguinte, a matematização (geometrização) da ciência”.

A ciência galileana se ergue sobre o postulado de que tudo o que há, todo o campo empírico é matema. Diferentemente da ciência antiga, na ciência moderna não existe uma hierarquia que vai dos seres menos perfeitos, isto é, menos matematizáveis, aos seres mais perfeitos e necessários que podem ser, por essa razão, quase completamente matematizados. Tudo o que existe empiricamente é matema e, por isso, deve ser lido matematicamente.

Estejamos atentos à importante diferença que há entre buscar matematizar o real e postular a condição matemática do real. A ciência moderna não vai matematizando o real, ela parte do postulado que o real é matema e se dedica a decifrá-lo. A matematização do real pela ciência é uma decisão de que o real é matemático, não de que o real pode ser matematizado. Essa matematização não é um trabalho a ser empreendido, mas um fato para a ciência.

Diante deste real matemático a ciência moderna se dedica à criação de protocolos que façam uma leitura fiel desse real. Esses protocolos são equações matemáticas que dão conta dos fenômenos da física e que seriam “as leis sobre as quais o Grande Criador houve por bem fundar esta esplendorosa Estrutura do Mundo” (Berkeley *apud* Koyré 2006: 205). Mas notemos que as leis científicas da modernidade se ocupam com a definição da lei em jogo no fenômeno, mas não pretende explicar o porquê do fenômeno acontecer desta forma. As respostas da ciência moderna informam sobre como o fenômeno acontece. Porém, se extrair a lei do fenômeno em nada se aproxima de explicá-lo, para a ciência moderna obter a lei é suficiente. Dizer qual a equação, como o fenômeno acontece já basta, pois as causas que justificam que assim seja residem na idéia fundamental de que tudo é constituído matematicamente. Estabelecer a lei do fenômeno já é suficiente para que a ciência restabeleça a partir dessas leis a sua relação com o empírico, inaugurando assim a era das invenções fantásticas da modernidade³.

³ Essa discussão terá desdobramentos importantes que serão debatidos no quarto capítulo.

Felizmente, como Newton sabia perfeitamente, não precisamos ter uma concepção clara da maneira pela qual certos efeitos são produzidos a fim de podermos estudar os fenômenos e tratá-los matematicamente. Galileu não foi obrigado a desenvolver uma teoria da gravidade – reivindicava até seu direito de ignorar de todo sua natureza – a fim de fundar uma dinâmica matemática e determinar as leis da queda. [...] Era perfeitamente suficiente supor apenas que essas forças – fossem elas físicas ou metafísicas – atuassem segundo leis matemáticas escritas. (Koyré, 2006:157)

Newton se põe, tal como Galileu, em posição de observar os fenômenos e, partindo do postulado de que esses fenômenos são regidos matematicamente, extrair-lhes as leis. Dizer que a lei é extraída do real faz notar que a posição da ciência moderna diante do real não corresponde à formulação de uma teoria, de uma hipótese matemática sobre ele porque essas leis comporiam a natureza e, por isso, não seriam hipóteses ou induções. A ciência moderna não se posiciona de maneira a fazer induções sobre o real⁴, mas sim alcançar a lei que rege o fenômeno.

Retomando o que já pudemos recolher sobre a ciência moderna já é possível arrazoar que o real na ciência moderna contém leis e estrutura acessíveis ao homem naturalmente, isto é, já contém um saber restando ao cientista como sujeito no processo de produção do saber científico desenterrar, tal como um arqueólogo, esse saber que já existiria muito antes que dele alguém se ocupasse. Isso leva Lacan (1973:132) a afirmar que

[...] é preciso levar em conta o real. Ou seja, aquilo que se destaca da nossa experiência do saber: existe saber no real. Ainda que, este, não seja o analista que tem que alojá-lo, mas sim o cientista.

Trata-se de uma exigência básica para se fazer ciência: o saber no real é fato.

Mas é válido que abordemos a ambigüidade que esta frase de Lacan carrega. O verbo “alojar”⁵ escolhido pelo autor possibilita que se abra a questão se, em verdade, o cientista atribuiria - no sentido de acrescentar, saber ao real⁶. Se optamos por uma leitura que, como fez Lacan, sintoniza-se com a de Koyré devemos entender que, por supor de saída que ali, no real, há saber, o cientista termina por encontrá-lo. Tomemos como ilustração disso o *experimentum* na ciência moderna. O *experimentum* é mais do que uma observação dos fenômenos da natureza buscando a sua explicação, ele, por partir da pressuposição de que a natureza é matemática, é uma pergunta feita à natureza em linguagem geométrica e matemática. Desta forma, a resposta obtida não será em outra linguagem senão matemática. É a partir de um postulado – um

⁴ “*Hypotheses non figo*” - traduzido como ‘eu não imagino hipóteses’ (Newton *apud* Koyré, 2006: 202).

⁵ “Loger” no original em francês.

⁶ Veremos à diante que o analista não pode prescindir disso, ao menos em parte.

postulado matemático - que se desenvolve toda a pesquisa experimental, bem como a retomada da relação da ciência com o empírico através de suas invenções.

Nessa distinção entre a ciência e a prática científica - técnica e teoria científica nas palavras de Milner (1995: 33), vemos como a teoria predetermina o modo como a experiência vai acontecer na prática. Isso nos informa de que não há *experimentum* que não seja orientado pela teoria, que “não há experimentação bruta, só há experiências construídas. Ora, toda construção de experimentação supõe uma teoria mínima prévia” (Ibid.: 24)

Partindo de um postulado a ciência instaura a mais genuína e eloqüente forma de produção de saber: supondo que ele existe e se dedicando a deduzi-lo, a colhê-lo. E ao acessar o real desta maneira a ciência termina por determiná-lo, como veremos adiante.

3.2

O “não-querer-saber-nada”⁷ sobre o vazio

Se entendemos no primeiro capítulo que para a psicanálise o impossível inerente à linguagem atua como causa material, sobre essa verdade como causa material a ciência não quer saber nada. Detenhamo-nos nesse desinteresse da ciência pela causa através de Popper. Encontramos no discriminante de Popper (Milner, 1996) um esforço para traçar uma linha demarcatória entre as teorias científicas e as pseudociências na afirmação de que uma proposição só pode ser considerada científica se ela advier de um teste genuíno que possua o sério, mas mal-sucedido propósito de invalidá-la. Para Popper, toda ciência inclui certas regras, não podendo ser considerada científica uma teoria que não é refutável por nenhum fato da observação. Ela precisa ser passível de ser interrogada, possível de ser negada tanto do ponto de vista lógico quanto do ponto de vista material, não podendo ser considerada científica uma teoria que não seja questionável desta forma.

[...] esta é a maneira pela qual podemos aprender com nossos erros; e porque ao descobrirmos que nossa conjectura era falsa podemos ter aprendido muito sobre a verdade, e teremos chegado mais perto dela. (Popper *apud* Chalmers, 1929:70)

No caso das pseudociências – e nelas Popper inclui a psicanálise e a psicologia, o mundo parece estar repleto de confirmações da sua teoria e os resultados das observações nunca contradizem as suas afirmações, pois estas dariam conta dos

⁷ Expressão utilizada por Lacan (1965: 889) para designar a posição da ciência diante do sujeito como causa.

mais diversos fenômenos. Já no caso dos postulados científicos, eles são refutados toda vez que a equação mostra a ausência da relação direta entre a causa estudada e o efeito esperado, o que significa dizer que elas não são compatíveis com qualquer resultado.

Ao considerar a relação entre equação e o efeito desta no mundo empírico, Popper nos oferece uma informação valiosa com relação à posição da ciência e a prática científica. Vimos que a ciência moderna abre mão dos dados sensíveis fornecidos pelo mundo, porém é importante que distingamos o abandono do empírico para a formulação das equações que virão reger o funcionamento do universo, de uma indiferença absoluta diante dos dados da experiência. Se estes dados não participam de um primeiro momento de criação das leis, eles têm a sua importância em um segundo momento quando o cientista - e não mais o discurso da ciência, observa a aplicação de sua equação no mundo. O cientista faz a observação da aplicação da teoria científica no real e ela precisa funcionar, ou seja, ter o feito esperado. O que caracteriza a ciência moderna é que, por possuir um postulado de base, ela prescinde do empírico para estabelecer a lei sobre o fenômeno. A lei não vem do empírico e a ciência só a faz retornar sobre ele em um segundo momento. A elaboração das leis científicas não está presa à experimentação, mas, para a sua aplicação pelos cientistas, retornam a ela em um segundo momento. Nas palavras de Milner (1995:30) “a técnica é a validação empírica da teoria científica”.

O discriminante de Popper traz a necessidade de que uma afirmativa científica, tenha um referencial outro, tenha em si a possibilidade de ser outra coisa do que é, em outras palavras, que ela seja uma proposição contingente.

A base empírica de uma ciência objetiva não tem assim nada de “absoluto”. A ciência não repousa sobre um sólido leito pedregoso. A audaciosa estrutura de suas teorias ergue-se como se estivesse sobre um pântano. Ela é como um prédio construído sobre as estacas. Estas são impulsionadas para baixo no pântano, mas não para alguma base natural ou “dada”; e se paramos de impulsionar as estacas mais para o fundo não é porque alcançamos solo firme. Nós simplesmente paramos quando ficamos satisfeitos pelas estacas estarem suficientemente firmes para agüentar a estrutura, ao menos por um tempo. (Popper *apud* Chalmers, 1929:94)

É através deste discriminante que podemos concluir que a ciência moderna é a ciência do contingente. Os pontos sobre os quais a ciência se dedica carregam a marca da contingência, mas essa marca é esquecida pela ciência a partir do momento em que ela fecha em uma definição.

Nesse caminho para se chegar até a definição há como condição um momento anterior no qual as outras infinitas possibilidades dela ser estejam lançadas, um momento de contingência. Após esse momento, instala-se outro a partir do qual a definição estaria cristalizada, tornando-a necessária e impedindo que ela venha a ser outra que não esta.

Durante um ínfimo momento, cada ponto de cada referente de cada proposição da ciência surge como podendo ser infinitamente outro que é, numa infinidade de pontos de vista; no momento ulterior a letra o fixou como ele é e como não podendo ser outro que é, a não ser mudando de letra, isto é, de partida. (Milner, 1996: 52)

Logo, a condição para a existência do segundo momento de cristalização – no qual a proposição se cristalizou, seria esse primeiro no qual outras possibilidades dessa proposição ser estariam no ar. Porém, o vislumbre desses dois momentos - indeterminação e definição é obturado pela ciência porque, após ter cristalizado o objeto, o primeiro momento de contingência é desconsiderado e só o necessário permanece, rejeitando a contingência inicial que o autorizou.

Ao intervalo de tempo em que os dados turbilhonam antes de cair, a doutrina deu um nome: emergência do sujeito, o qual não é o lançador (o lançador não existe), mas os próprios dados quando estão em suspensão. Na vertigem desses possíveis mutuamente exclusivos, espoca enfim, no momento ulterior em que os dados caem, o flash do impossível: impossível, uma vez caídos, que eles tenham um outro número sobre sua face lisível. (Milner, 1996: 52)

Para a constituição do mundo da ciência é condição que em suas fundações conste algo necessário. Só supondo que a matéria não é caprichosa e que ela não nos sabotará deliberadamente é que se torna possível a estruturação do edifício teórico da ciência (Lacan [1955-56]: 79). Ela conta com a honestidade de Deus⁸ para se levantar e para se manter de pé. Veremos no terceiro capítulo que esta suposição também pode fazer parte da estruturação do sujeito funcionando como ponto de basta diante dos incontáveis temores diante do mundo, mas já podemos, a partir das reflexões contidas no primeiro capítulo, afirmar que esta é uma operação que incide sobre um impossível e que, este sim, seria primevo. Originariamente o que há é esse furo que, por não ter consistência e por não ser articulável, é algo imponderável, algo que funciona como *gap* entre causa e efeito (Lacan, [1959-60]: 327), como ponto que instaura a imprevisibilidade. Podemos, com Milner, identificar que “o impossível não está disjunto da contingência, mas dela constitui o núcleo real” (1996: 52). Portanto o que advier desse impossível terá a marca do que é incapaz de ser determinado, do

⁸ Expressão retirada da frase de Einstein “Deus é malicioso, mas é honesto”, trazida por Lacan ([1955-56]: 79).

que escapa ao controle. A confiança de Einstein em Deus incide justamente nesse ponto de indeterminação que a existência de um imponderável na estrutura acarreta.

Lacan se refere a um esquecimento peculiar à ciência ao qual já podemos identificar melhor: trata-se do esquecimento do momento primeiro de indeterminação - momento em que todas as possibilidades estão no ar, para privilegiar o objeto já circunscrito em uma definição.

A ciência se detém sobre o objeto já fechado, a cristalização já alcançada como se assim fosse desde sempre, negligenciando a verdade, isto é, suprimindo a contingência, o vazio que a originou. Essa posição da ciência levou Lacan a afirmar que

[...] a ciência, se a examinarmos bem de perto, não tem memória. Ela esquece as peripécias em que nasceu uma vez constituída, ou seja, uma dimensão da verdade, que é exercida em alto grau pela psicanálise. (Lacan, 1965:884).

Como vimos no primeiro capítulo, é sobre esse domínio – do sujeito como verdade, que a psicanálise se interessa é a ele que Freud decide dar voz⁹. Já a ciência, sobre o sujeito - esse vazio originário, “da verdade como causa, ela não-quer-saber-nada” (Id., 1965: 889). Mas dizer que a ciência nada quer saber sobre o sujeito, que ela não se interessa ou que ela esquece a existência desse impossível pode nos confundir. Lacan escolheu uma palavra bastante específica para dizer da operação da ciência sobre o campo do sujeito: a forclusão. Ele importou esta palavra de seus estudos sobre a radicalidade do funcionamento lógico em questão na psicose e isso deve nos indicar que é necessário que nos situemos quanto à radicalidade dessa operação na ciência.

Retomando percurso percorrido até aqui podemos afirmar que o sujeito da psicanálise, por se constituir a partir das leis linguagem, recebe as marcas destas e se constitui, não como *eu* ou como consistência, mas como um furo. Este vazio não deve ser entendido como lacuna que faz da estrutura algo incompleto, mas como furo que define a estrutura e que, sendo extirpado, faz com que esta composição seja outra que não a anterior. Isto que caracteriza esse furo como estrutural – por ser ele que define essa formação, e estruturante (Lacan, [1962-63]: 64) – por ser ele o que a sustenta, faz deste vazio um “impossível estrutural”: impossível a manutenção dessa estrutura sem esse furo¹⁰.

⁹ Insistirei nessa discussão no último capítulo desta dissertação.

¹⁰ A definição de impossível que desenvolvemos aqui terá desdobramentos importantes no decorrer da dissertação e será contraposto à noção de impotência mais à diante.

Por fim, observamos que este impossível, por não ser apreensível instaura a contingência trazendo consigo a surpresa e a imprevisibilidade – elementos que não interessam à ciência moderna ou que, dizendo melhor, ela foraclui.

3.3

A remoção do vazio como forclusão do sujeito

O real, que para os cientistas da antiguidade era tido como hermético e prenhe de mistérios, passa a ser na modernidade um real acessível através da matemática por conta da isomorfia existente entre eles. O real é, a partir da ciência moderna, legível e a partir desta concepção de real como possível os cientistas modernos se dedicaram a construir instrumentos que realizassem essa tarefa de extração das fórmulas matemáticas do real. Como ilustração, temos o relato de Koyré sobre a descoberta de novos astros por Galileu através da invenção de um instrumento – o *perspicillum*, instrumento que seria “a teoria científica encarnada em um objeto” (Figueiredo & Vieira, 2002: 13).

[...] havia ainda a descrição de uma invenção assombrosa, a do *perspicillum*, um instrumento – o primeiro instrumento científico – que havia tornado todas essas descobertas possíveis e possibilitado a Galileu transcender a limitação imposta pela natureza – ou por Deus – aos sentidos e ao conhecimento humanos. (Koyré, 2006: 81)

O instrumento tem um papel fundamental na ciência moderna e pode nos informar sobre a posição dela diante do real. É esta criação do cientista que permite que ele vá além do que determina a visão, a força humana, “eis o primeiro exemplo de uma teoria encarnada na matéria, que nos permite ultrapassar os limites do observável” (Koyré, 1982:55). O corte entre a ciência antiga e moderna ressalta a diferença na abordagem do real nessas duas epistemes: de impreciso, misterioso e evasivo, o real a partir da ciência moderna passa ser legível e apreensível. Abordando este assunto, Lacan (1970: 420) evoca as descobertas científicas de Newton para afirmar que, muito mais do que formalizar uma lei que vem reger toda queda de qualquer corpo, a lei da gravidade – representando aqui as leis científicas, vai além. Afirmar que existe uma lei no real significa que onde se estender este mundo, a ação da gravidade segundo Newton submeterá a queda de um corpo a esta fórmula. Esse postulado deixa inúmeras perguntas no ar, mas o obscurantismo da época minou qualquer objeção que pudesse ser feita. Daí que a lei da gravidade de Newton “não explica nada, mas põe o preto no branco, ou seja, supõe escrito aquilo que apontamos como a presença efetiva não da relação, mas de sua fórmula no real [...]” (Ibid.: 421)

Se começamos este capítulo tentando entender os motivos que levaram Lacan, a partir de Koyré, a entender que a operação da ciência é foracluir o sujeito, já encontramos no nosso caminho algumas pistas que o levaram a fazê-lo. Koyré não fala de foraclusão em sua obra, isso está claro, mas suas conjecturas sobre o nascimento da ciência moderna fazem ver que há aí uma exclusão do qual a ciência moderna é raiz e fruto. Ao afirmar que o universo é infinito e infinitamente matemático, a ciência moderna desconhece qualquer limitação. É, portanto, a remoção do impossível pela ciência moderna que Koyré sinaliza.

Para entendermos de que impossível estamos tratando, precisamos retomar a idéia que pautou o primeiro capítulo desta dissertação, ou seja, de que o desencontro estrutural entre significante e significado é o que causa e o que, por conta disso, exerce uma função de sustentação da estrutura. Esse vazio nomeamos, a partir de Lacan, como sujeito e sublinhamos a subversão entre causa e efeito que ele proporciona. Agora já podemos observar como a ciência se posiciona de maneira a fazer desaparecer isso que causa imprevistos, que torna impossível o cálculo preenchendo a hiância entre a causa e a consequência. Se a existência de um sujeito provocará uma relação entre causa e efeito não usual, a ciência consegue estabelecer conexões diretas.

A contingência, o ponto imponderável é a partir da foraclusão do impossível transformado em fórmula passando a ser integrado na equação como uma variável. Temos em Lacan, (1972: 476) um exemplo que aclara o que estamos nos esforçando para afirmar. Esse exemplo trata da morte - como o que não se consegue prever, como ponto imponderável sobre o qual seria impossível arrazoar. Diante do universal “todo homem é mortal”, a resposta da ciência é o seguro de vida. A morte – este ponto inconcebível na experiência humana, é perante à ciência uma questão de probabilidade, o que nos mostra a inclusão do impossível na equação pela ciência. Não significa que este impossível tenha se transformado, mas sim que, ao ser foracluído, retorna como fórmula no real¹¹.

Essa foraclusão do impossível é freqüentemente relacionada com o silêncio dos planetas na modernidade. Se até a ciência moderna os planetas eram referência para o homem, interferindo em suas vidas, explicando o destino da humanidade, com a demarcação do real pela ciência moderna os planetas perderam essas características

¹¹ Essa discussão sobre o impossível, foraclusão e retorno não é, de maneira alguma, simples. Agradeço às orientações de Marcus André no que me foi possível avançar. Voltaremos a ela aqui e acolá no decorrer da dissertação, principalmente no terceiro capítulo quando tocarmos na foraclusão na psicose e o retorno que se dá a partir dessa foraclusão.

e passaram a ser objetos que caminham matematicamente pelo vácuo sem nada significar para os habitantes do mundo sublunar (Freire et. al., 1996: 35). Sendo compostos por uma certa quantidade numérica da mesma massa, os corpos celestes estariam todos submetidos sempre à mesma lei matemática, submetidos todos às forças físicas que os conduzem em um mesmo movimento circular pelo universo.

No mundo da ciência os planetas não indicam nada como indicavam no passado porque quando a ciência joga o matema no mundo os planetas deixam de falar e passam a só se movimentar de acordo com as leis do universo. Desta forma, esses planetas atendem satisfatoriamente a exigência da ciência moderna de ser um significante que não signifique nada. Quanto mais insignificante, quanto mais a significação da lei tenda à zero, mais ela se presta à ciência. O percurso dos astros, ao reduzir-se à matemática, deixou de significar qualquer coisa que fosse para nós e tornaram-se astros mudos, que não nos dizem mais nada. As estrelas perdem sentido, perdem o significado (Freire et. al.: 37) por conta da transformação do real em fórmula, da criação de um real puro pela ciência.

Tomemos como mais uma ilustração da remoção desse impossível pela ciência as leis da inércia e da queda dos corpos. A física moderna ao estudar o movimento define que tanto quanto o repouso, o movimento é um estado permanente até que uma força interfira mudando este estado parando ou movendo o objeto. É o que postula a primeira lei do movimento, a 'lei da inércia' que afirma que todo corpo mantém eternamente seu estado – movimento ou repouso, enquanto outra força não for aplicada a este. Mas é importante ressaltar que esta lei não valia para o movimento de nenhum corpo existente na época de Galileu porque esta lei é válida somente no vácuo. Um corpo só conserva eternamente a sua direção e velocidade tal como postula a lei de inércia quando este movimento ocorre no vácuo e, lembremos que, ao contrário da atualidade, o vácuo não era possível de ser produzido quando a lei de inércia foi postulada.

O mesmo ocorre com a lei da queda dos corpos. Esta afirma, entre outras asserções, que todos os corpos - independente de seu peso, forma ou dimensão; caem com a mesma velocidade, senão na realidade. Mais uma vez o vácuo é condição para que essa lei tenha validade o que faz da experiência de Galileu na Torre de Pisa um mito (Figueiredo & Vieira, 2002: 14). Segundo o relato de alguns historiadores, Galileu teria subido na Torre de Pisa, arremessado de seu topo dois corpos de pesos diferentes comprovando diante de toda a incrédula comunidade científica da época a sua lei de queda dos corpos assim que eles alcançaram o pé da

torre ao mesmo tempo. Porém, o que aponta para nós que este relato é imaginário seria a impossibilidade dessa experiência ter obtido sucesso porque as condições físicas envolvidas nela não permitiram que o resultado da queda dos dois corpos lançados por Galileu fosse a chegada simultânea de ambos ao chão porque, fora do vácuo, eles estariam submetidos à resistência do ar.

Essas eram leis que se aplicavam a um mundo outro que não aquele que rodeava Galileu Galilei e que tratavam de seres outros que não os seres deste mundo. Os corpos que se submetiam a essa lei não eram “corpos reais que se deslocam num espaço real, mas corpos matemáticos que se deslocam num espaço matemático” (Koyré, 1982:166). Disso já podemos entender porque Koyré considera que a ciência moderna, aqui representada por Galileu, explica o ser real pelo ser matemático.

Fazendo dessa forma, isto é, fora do campo da realidade, as leis de Galileu operavam somente na imaginação dos físicos, visto que na realidade não encontramos as condições perfeitas para a materialização da lei. Por isso o método de Galileu era fundamentado na “experiência imaginária”, devido à impossibilidade da sua realização no real.

Não há e não pode haver, *in rerum natura*, corpos perfeitamente rígidos; tampouco perfeitamente elásticos. Não se pode efetuar uma medida perfeitamente exata. A perfeição não pertence a este mundo. [...] Entre o dado empírico e o objeto teórico existe, e sempre existirá, uma distância impossível de vencer. (Koyré, 1982:209).

As experiências imaginárias de Galileu são a maneira de driblar as limitações inerentes ao real removendo um impossível imposto pelas condições do mundo. Ela põe em jogo condições perfeitas, muito distantes das encontradas na realidade, obtendo resultados que seguem precisamente as leis científicas existentes a priori. Mas essa impossibilidade de verificação da teoria nos fatos de modo algum diminui ou desqualifica os postulados de Galileu, essa ainda não é a questão. O que impressiona no modo com se estruturou a ciência moderna é que ainda que a experimentação na realidade fosse possível, esta não seria e não é condição para a criação de leis.

Ademais, quando seu adversário aristotélico, imbuído de espírito empírico lhe faz a pergunta: ‘Fizestes uma experiência?’ Galileu declara com orgulho: ‘não, e não preciso fazê-la, e posso afirmar, sem qualquer experiência, que é assim, porque não pode ser de outra forma. (Koyré, 1982:193)

Isso Koyré (loc.cit.) sintetiza afirmando que na boa física a teoria precede, e até mesmo prescinde do fato. A experiência não possui importância para a se atingir a lei,

visto que já se tem o conhecimento, já se concluiu sobre as leis, já se sabe o resultado.

Esses dois exemplos de leis científicas nos permitem perceber que a ciência moderna diante do impossível concebido pela psicanálise introduz algo que confere a ele um tratamento a partir do qual é como se este impossível nunca tivesse existido. Isso que é introduzido pela ciência já pode ser localizado como sendo uma fórmula universal, uma lei ou postulado. Dito de outra maneira, a ciência isola esse furo e o obtura através da fórmula.

Esse tratamento radical que confere à representação o estatuto de “*non-arrivé*”¹², Freud (1894:56) delineou como mecanismo concernente à psicose e chamou de *Verwerfung*. Lacan ([1955-56]: 360) por sua vez, propôs que nos remetêssemos a essa operação como forclusão. Isso implica que a ciência não nega o impossível, não o ignora ou é ambivalente com relação a ele porque este impossível nunca existiu e isso nem é preciso demonstrar. O mecanismo da ciência diante disso que é imponderável é de uma natureza bem mais radical, afinal, a forclusão vai além de uma expulsão, é, repito, a não existência do que foi foracluído¹³. Veremos no próximo capítulo¹⁴ que Freud (1894: 64) é enfático ao dizer que na *Verwerfung* é “como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido”.

Porém, é importante que estejamos advertidos de que o entendimento de que há um furo que é obturado pela ciência é uma leitura particular¹⁵ pois a ciência, como já dissemos no início deste capítulo, não concebe a existência desse furo.

Talvez pela radicalidade do mecanismo em questão, a ciência é bem sucedida¹⁶. Afirmar que o discurso da ciência é total significa que em qualquer situação, até onde se estender o universo, o seu postulado vale. Isso é sem exceção, sem limite, sem impotência¹⁷. Não há impotência na ciência porque o seu postulado, a idéia inicial de que o real é acessível e inexorável, sem exceção.

¹² “Não-acontecido”, em livre tradução. Aquilo que nunca existiu.

¹³ Vale reforçar: a concepção de que o impossível, o furo existe pertence à psicanálise. Por isso é importante termos cuidado ao afirmar que a ciência expulsa esse furo porque, para a ciência moderna esse furo nunca existiu. Supor que houve furo e que a ciência o afasta aproximaria a ciência do recalque e não é essa a analogia que Lacan propõe. O que a ciência impossibilita é justamente que esse impossível se instale. Trata-se de uma operação lógica de difícil apreensão porque ela supõe um postulado tão radical que chega a ser de difícil alcance. Por isso a escolha da experiência da psicose para nos ajudar nisso.

¹⁴ A forclusão é o tema central do terceiro capítulo, por isso, no momento, vamos tocar rapidamente no assunto

¹⁵ Falaremos sobre essa leitura no quarto capítulo desta dissertação.

¹⁶ Entender que o sujeito se colocaria como um ponto que resiste à forclusão promovida pela ciência remetaria o funcionamento da ciência a uma lógica neurótica do recalque e não à forclusão como tanto insistiu Lacan. Esta questão será mote de discussão no quarto capítulo desta dissertação.

A constituição da ciência moderna como uma teoria sobre o universo é total, sem brechas. A ciência, como vimos, faz da contingência algo necessário inculcando no que é vazio traços da ordem do que é, do que “só pode ser assim”. De fato, a ciência moderna não existe sem essa concepção de mundo, o que faz Koyré e Lacan enfatizarem o aspecto imaginário que esta *Weltanschauung* carrega¹⁸. Ela bem delimitada, forma um corpo, que tem consistência e que tem começo, meio e fim¹⁹. Porém, se pudemos afirmar no primeiro capítulo que justamente a existência de um impossível que confere vida e unidade, isso deve nos fazer pensar que a ciência se dirige ao corpo morto, sem vida, mas que assim fazendo produz mudanças no corpo vivo (Vieira, 1999).

Tendo nos acercado da forclusão do impossível na ciência, como forclusão do que é inapreensível e sua inclusão na fórmula como retorno, propomos uma discussão sobre a forclusão na psicose para chegarmos ao manejo do impossível na psicose esperando extrair dele alguma indicação de trabalho possível da psicanálise diante do discurso científico.

¹⁷ A noção de impotência tal como temos discutido, como limite, aqui também será retomada, principalmente no quarto capítulo

¹⁸ Essas discussões sobre o caráter imaginário do discurso científico, bem como de suas conseqüências para a constituição de um corpo serão discutidas no quarto capítulo

¹⁹ Agradeço às contribuições de Marcus André Vieira em seu seminário “A presença do Outro”, ministrado na EBP seção Rio durante o ano de 2009 no que diz respeito à noção de imaginário aplicada neste parágrafo.

4 A forclusão do impossível na psicose

4.1 O forclusivo

A fonte da qual Lacan teria extraído a palavra forclusão para o seu uso na teoria das psicoses é assunto controverso. Rabinovitch (2001) afirma que a palavra forclusão vem do campo jurídico e significa a privação de uma faculdade ou de um direito que, por não terem sido executados no tempo devido, se tornaram obsoletos. Porém, antes de ficarem restritas ao uso jurídico, estas expressões no francês – língua materna de Lacan, significavam “excluir, privar, expulsar, impedir, banir, omitir, cortar” e até mesmo “prender do lado de fora, fechar no exterior, jogar fora, rejeitar”¹. Assim, forcluir significava expulsar, banir para todo o sempre algo ou alguém de um espaço sem que isso que foi rejeitado deixasse qualquer vestígio, qualquer rastro da sua existência.

Porém, esta é uma referência que não encontramos na obra de Lacan que, ao tratar do termo forclusão (Lacan, 1959)², refere-se ao seu uso na língua francesa citando os gramáticos Demourette e Pichon. Estes, ao estudarem o funcionamento e o emprego da negação na língua francesa, isolam nela os elementos forclusivos dessa língua concluindo que o uso das palavras como *jamais* e *plus*, dentre outras, expulsa a ação ou idéia em questão do campo do que é possível. Desta forma, o que foi afetado pelo forclusivo não se encontraria como uma alternativa possível para locutor.

Tomemos um dos exemplos trazido por Arrivé: “Je suis très *contrariée* que vous ayez *jamais* entendu parler d’elle”³. Nesta frase a palavra *jamais* vem sinalizar a contrariedade do locutor diante do fato de que se tenha ouvido falar sobre determinada pessoa. Nas palavras de Demourette e Pichon (*apud* Arrivé, 1999:135) “[...] O arrependimento é o desejo de que a coisa passada, logo irreparável, nunca tivesse

¹ Compilação de termos feita por Rabinovitch em “A forclusão: presos do lado de fora” (2001).

² Principalmente nas aulas 5 e 6 do seminário.

³ Na tradução literal: “Estou muito contrariada por você ter nunca ouvido falar dela”.

existido; a língua francesa, pelo foraclusivo, exprime esse desejo de escotomização [...]”. Vejamos que se trata de uma operação distinta da discordância⁴, afinal o foraclusivo não vem para desmentir ou protestar contra uma idéia que lá está. Trata-se, em verdade, de exprimir através de uma operação da linguagem a expulsão de tal conteúdo.

Por isso Michel Arrivé defende que Lacan bebeu da fonte de Demourette e Pichon em suas obras sobre lingüística e gramática, lançando mão de uma operação própria à linguagem para dizer do inconsciente⁵. Porém, como vimos em Rabinovicht, é mais usual atribuir a origem do termo foraclusão ao campo jurídico e nenhum dos principais comentadores de Lacan até Arrivé, tinha feito esta ponte com a lingüística⁶.

Visto que *Verwerfung* e foraclusão ganharam destaque na obra de Lacan e de Freud ao serem designados como modo de defesa próprio da psicose, nos detenhamos sobre a noção de foraclusão nas obras desses autores, isolando o que este mecanismo tem de peculiar quando comparado aos outros ditos mecanismos de defesa destacados por eles.

4.2 ***Verwerfung* e foraclusão**

Na análise dos quadros clínicos de seus pacientes, Freud mostra uma preocupação em alcançar a etiologia destes quadros e, nesse percurso, agrupa a histeria, a obsessão e as confusões alucinatórias agudas sob o nome de “neuropsicoses de defesa” (Freud, 1894). Esses quadros seriam passíveis de pertencerem a um mesmo conjunto, apesar da disparidade entre as suas manifestações psicopatológicas, porque tais quadros possuem em comum o fato dos seus sintomas emergirem a partir de um mecanismo psíquico de defesa, ou seja, surgiram como uma tentativa de eliminação de uma representação incompatível que se opunha ao *eu*. Freud (Ibid.: 55) observa que o sujeito parecia saudável até que se deparou com uma “ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa”, isto é, o seu *eu* se confrontou com uma experiência, uma representação ou sentimento que suscitou um afeto tão aflitivo que o sujeito decide “‘expulsar aquilo pra longe’, não pensar no assunto, suprimi-lo” (loc. cit.). Isso que foi posto de fora não é intolerável em si mesmo, mas era incompatível com o *eu*, com a estrutura erguida na constituição do sujeito, parafraseando Lacan, com a cadeia simbólica em curso nesse sujeito (Lacan,

⁴ Sobre a discordância e o discordancial ver Arrivé, 1999: 131-134; e Lacan [1959-60]: 83.

⁵ Lacan assim o faz por observar que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como pudemos afirmar no primeiro capítulo.

⁶ Disso Arrivé (1999: 145) conclui que a origem do termo foraclusão foi foracluída.

[1955-56]: 101). Trata-se de uma questão de compatibilidade que, em caso de incoerência interna entre a representação e a constituição subjetiva, termina por sacrificar o que é impossível de ser incluído na segunda. Há formas distintas de fazê-lo: *Verneinung*, *Verwerfung* e *Verneignung* – recalque, rejeição e denegação, respectivamente. Sobre *Verwerfung*, ou rejeição, Freud (1894: 64) afirma que ela seria

[...] uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela o eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que só pode ser qualificada como ‘confusão alucinatória’. [...] Portanto é justificável dizer que o eu rechaçou a representação incompatível através de uma fuga para a psicose.

Chama a atenção nesse fragmento do texto de Freud o destaque dado por ele à radicalidade do mecanismo abordado. Dizer que a partir da *Verwerfung* não há registro algum da representação diferencia este mecanismo dos demais por imprimir na representação rejeitada o status de inexistência, enquanto que em *Verneinung* – o recalque, a representação seria somente negligenciada, ignorada. Mas, se recalque e forclusão – *Verneinung* e *Verwerfung*, são mecanismos distintos, começaremos por distinguir *Bejahung* e *Verwerfung* por serem mecanismos opostos.

Vimos que Freud pôde observar que, diante do que ele chamou de representação incompatível, o sujeito lança mão de determinado modo de defesa e que isso determina a apresentação dos sintomas de cada quadro clínico. Lacan também se dedica a essa questão retomando momentos primordiais da constituição do sujeito visando esclarecer o que determina a entrada deste e não de outro mecanismo de defesa em ação. O último fala de um primeiro tempo anterior à constituição do sujeito onde o interno e o externo em relação ao *eu* não se diferenciam. O que é da ordem do estranho ao *eu*, assim como o que é do campo do *eu*, só se distinguem através da *Ausstossung*⁷ - operação lógica através da qual algo passa a ser experimentado como externo ao sujeito. Trata-se da expulsão primária para fora do sujeito do que se constitui, desde essa extrusão, como real “na medida em que ele é o domínio do que subsiste fora da simbolização” (Lacan 1954: 390). Nesse processo de construção do sujeito há também *Bejahung* como a contrapartida desta expulsão, como operação que simboliza aquilo que não foi excluído pela *Ausstossung*.

A essa ocasião de introdução à dimensão simbólica, que “deve ser concebida como um momento mítico mais do que como um momento genético”, Lacan (1954:

⁷ Expulsão em alemão.

384 et. seq.) chama *Bejahung* enquanto que o oposto disso, a não-existência dessa introdução seria *Verwerfung*.

Dialogando com Hyppolite, Lacan (Ibid.: 384) esclarece que, mesmo que estejamos falando aqui de expulsão e simbolização de algo, não estamos tratando aqui da constituição da relação do sujeito com o objeto, do sujeito com o mundo, mas sim da relação do sujeito com o ser. Trata-se da relação do sujeito com o que chamamos de impossível no primeiro capítulo, com o seu ponto cego. *Verwerfung* ou *Bejahung* não operam sobre um objeto que se encontra fora do sujeito, mas sobre algo que o concerne e que o constitui. O que está em questão não é um objeto, mas a própria relação do sujeito com a linguagem.

A *Verwerfung*, portanto, corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica, isto é, *Bejahung* que Freud anuncia como o processo primário em que o juízo atributivo se enraíza, e que não é outra coisa senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha se oferecer à revelação do ser. (Lacan, 1954: 389)

Se vínhamos a partir de Freud chamando isso que sofre *Bejahung* ou *Verwerfung* de representação incompatível ou desagradável, Lacan especifica o que está em jogo nessas operações indicando que se trata de um “significante primordial”. Analisemos a expressão “significante primordial” na intenção de tornar claro que se trata de um significante e não de um significado, de um sentido. “Significante” aqui marca que se trata de um furo, de “um lugar vazio” (Lacan, [1962-63]: 79)⁸ que é tido como “primordial”⁹ por ser ele que abre as portas para o acesso ao significante tal como vimos no primeiro capítulo, ou seja, portando um descompasso estrutural. É o vazio da linguagem, esse desencaixe entre significante e significado que é recalcado ou foracluído, ficando excluída também a chance de que esse vazio se apresente de “forma simbólica”, como intervalo, com contorno, bem disciplinado, como veremos à diante no sintoma neurótico¹⁰.

Pensar desta forma desfaz o mal-entendido de que os significantes estariam dados naturalmente ao sujeito e a *Verwerfung* implicaria na retirada de um deles, recolocando o efeito da foraclusão como “abolição simbólica” (Lacan, 1954: 388). Se houve *Bejahung*, quando algo se contrapõe em relação ao *eu*, isso tem a possibilidade

⁸ Vamos nos deter sobre esse significante primordial quando abordarmos a definição do Nome-do-Pai como um vazio ainda neste capítulo.

⁹ Ainda neste capítulo veremos que Lacan nomeou este significante primordial como Nome-do-Pai e o relacionou à crença.

¹⁰ Estamos nos referindo à noção de “simbólico” que em Lacan poderia ser entendido como uma estrutura ordenada em metáfora e metonímia, norteadas pelo Pai simbólico. Abordaremos esta noção ainda neste capítulo quando expusermos o Nome-do-Pai como a grande estrada, ou estrada principal.

de sofrer simbolização e ser tratado no nível do recalque¹¹, em caso de *Verwerfung* essa possibilidade é vedada.

Porém, afirmar que esta hiância sofreu o recalque não significa que ela deixou de ter seus efeitos, que ela simplesmente deixou de existir. A incidência do recalque só faz com que esse vazio tenha que se manifestar de um modo indireto, por alusão, e nisso consiste o sintoma neurose: remeter, fazer lembrar o recalcado. Já quando o mecanismo em ação foi *Verwerfung* tudo se encaminha de forma distinta. A partir deste momento primordial em que *Bejahung* ou *Verwerfung* se instaurou em diante os significantes que se apresentarem como conflitantes sofrerão ou *Verneinung* ou *Verwerfung*, dependendo do que operou no momento anterior.

Tratar da lacuna da linguagem através de *Verneinung* instalaria o sujeito em uma posição neurótica e desencadearia um quadro psicopatológico condizente com tal posição. Distinguindo o que seria próprio dos quadros neuróticos, Freud (1924: 168) esclarece que na etiologia desses quadros observamos uma tentativa de defesa do *eu* diante de uma força do *isso*. Mesmo que essa exigência pulsional sofra *Verneinung*, o *eu* não consegue dar cabo de se defender por completo dessa ruptura e de tratar dela como “*non-arrivé*” (Id., 1894:56). Essa exigência do *isso* resiste ao recalque e insiste em se fazer representar, em se tornar consciente, tendo algum sucesso nisso através do sintoma. Disso surge o sintoma nas neuroses, ou seja, como uma via possível de expressão daquilo que foi originalmente negligenciado da esfera psíquica, como “confissão do próprio significante que ela (*Verneinung*) anula” (Lacan 1958:564). É uma parte do *isso*, da realidade psíquica que, ao ser sacrificada através de *Verneinung*, pode retornar exigindo ser lembrada em uma outra língua – o sintoma, que “desempenha o papel da língua que permite exprimir o recalque” (Id., [1955-56]: 74).

Parafraseando Freud (1894:56), a saída possível para o neurótico é a transformação dessa representação incômoda e poderosa em uma representação fraca retirando-lhe o afeto – a soma de excitação - do qual está carregada. A representação que antes causava desconforto se torna inócua, mas para isso é preciso que se dê outro destino à soma de excitação agora desvinculada. Na histeria a soma de excitação é encaminhada para o campo somático, daí o nome proposto por Freud (1894: 59) para esses quadros: histeria de conversão; enquanto que na neurose

¹¹ Vale esclarecer que *Bejahung* abre a possibilidade de instauração do recalque, mas este não é um caminho necessário. Dito de outra forma, a *Bejahung* não é uma exclusividade da neurose, mas em todo neurótico houve *Bejahung*.

obsessiva o afeto permanece na esfera psíquica, ligando-se sucessivamente a outras representações que se transformam em representações obsessivas. Dessa forma o *eu* é aliviado da contradição com a qual é confrontado, mas o faz se sobrecarregando com um símbolo mnêmico que se aloja na consciência, como uma espécie de parasita, na forma de um sintoma. Na neurose

[...] o camarada, em vez de se servir das palavras, se serve de tudo o que está à disposição, ele esvazia os bolsos, endireita as calças, coloca aí as suas funções, as suas inibições, entra direitinho no jogo, ele mesmo se passa pra trás com isso, com o significante, é ele que se torna o significante. Seu real, ou seu imaginário entra no discurso. (Lacan, [1955-56]: 179)

Já podemos observar que se a *Verneinung* rechaça a representação desagradável, esta, por sua vez, não deixa “[...] de correr por debaixo, a exprimir as suas exigências, de fazer valer a sua dívida, e isso, por intermédio do sintoma neurótico. É nisso que o recalque é do âmbito da neurose” (Lacan, [1955-56]: 101). Porém, nas neuroses essa representação que sofre a *Verneinung* é possível de funcionar como formação de compromisso, ou seja, ela é passível de ser remetida ao recalcado, ainda que ela satisfaça também a ação recaladora. Isso se deve à *Bejahung* que torna o sintoma neurótico possível de ser remetido ao recalcado e, por conta disso, ser plausível de ser reencontrado na história do sujeito, de ser localizado pelo sujeito como lhe pertencendo.

4.3

Da forclusão ao retorno no real

O que sofreu *Verwerfung* vai se manifestar no real. Disso devemos primeiramente entender que a operação da forclusão é lógica e não cronológica e que isso implica que o foracluído reaparece como retorno no real e não que algo fica de fora para *depois* retornar. Trata-se de um retorno de outra natureza e não em outro tempo.

Abordemos o retorno no real que caracteriza a *Verwerfung* voltando a uma comparação disso na *Bejahung*. Vimos que quando houve *Bejahung*, o significante que por ventura apresentar-se diante do sujeito como um elemento dissonante em relação a sua cadeia significante, ao ser rechaçado tem a possibilidade de ser expresso¹², ao mesmo tempo em que se abre a possibilidade do sujeito dar conta

¹² Freud (1895: 403) afirma que na histérica o sintoma é uma formação simbólica e explica o sentido dessa afirmação esclarecendo que o sintoma é algo que aparece no lugar de outra coisa. Mais tarde Freud (1924: 209) volta a se referir ao termo simbólico, ao falar do fragmento expulso, quer na neurose quer na psicose, que retorna ganhando uma importância maior por remeter a um significado secreto, implícito. Esse entendimento do sintoma como simbólico em Freud está em consonância com Lacan, que escolhe a

dentro do recalque mesmo desse ‘intruso’. No caso da *Verwerfung* isso não é possível, pois, por não ter havido *Bejahung*, está impossibilitada a articulação segundo a norma da estrutura paterna, pois isso que foi suprimido da *Bejahung* do sujeito constitui “aquilo que não existe propriamente; e é como tal que ek-siste, pois nada existe senão sobre um suposto fundo de ausência” (Lacan, 1954: 394). Se não houve *Bejahung*, mas *Verwerfung*, esta ausência não pode funcionar como suporte o que implica que isto que foi foracluído não existe. Mas como a foraclusão da hiância estrutural da linguagem determina o modo de retorno na foraclusão? Tomemos a alucinação como fenômeno que nos esclarece sobre o retorno do foracluído.

Lacan (1958: 540) retoma a situação da paciente que escuta a injúria “Porca!” evitando resvalar para uma explicação romanceada que privilegiasse a história da paciente. O autor escolhe, não sem motivos, chamar a atenção para a frase insuspeita que no relato da paciente antecedeu a ofensa alucinada: “Eu venho do salsicheiro...”. Notemos que a frase é interrompida e que é após dela que irrompe a alucinação.

Se a frase era alusiva, oscilante quanto ao seu caráter conjuratório e indeterminada quanto ao destinatário; a entrada do xingamento “Porca!” pôs fim a essa incerteza, inviabilizando o vislumbre do local da emissão do significante.

Podemos observar que a frase se interrompe no ponto onde termina o grupo de palavras que poderíamos chamar de termos-índice, isto é, aqueles cuja função no significante é designada, [...] ou seja, precisamente os termos que, no código, indicam a posição do sujeito a partir da própria mensagem. (Lacan, 1958: 546)

Por ser impossível que o sujeito psicótico se posicione como furo diante de sua mensagem isso fica elidido, a cadeia rompe e ele recebe de fora a mensagem de maneira direta, sem brecha que possibilite uma leitura de sujeito como furo. Na neurose o sujeito é, como vimos, um furo enquanto que o psicótico arca com as consequências por não se estruturar da mesma forma. (Vieira: 2008b, 97)

O que retorna na psicose não é legível porque não vem em um intervalo entre dois significantes, mas sim do engessamento deles, não é “simbólico” e não tem como ser retomado pelo sujeito tal como na neurose porque sobre isso não foi formulado nenhum juízo de existência, porque o “[...] que o sujeito assim suprimiu (*verworfen*) da abertura para o ser, dizíamos, não será reencontrado em sua história, se designamos por esse nome o lugar onde o recalcado vem a reaparecer” (Lacan, 1954:390). E, por

palavra “deslocamento” (2005a: 20 et. seq.) para dizer desse processo em que algo vem no lugar de outra coisa.

não ser passível de reconhecimento, leitura ou dialetização, o retorno do que foi foracluído retorna colorido pelos tons da certeza. “Porca!” é uma certeza, algo que vai se repetir sem que uma leitura ou apropriação disso se dê.

Na irrupção no real caracterizada por Lacan ([1955-56]: 103) nesse exemplo, algo desconhecido até então irrompe no real provocando estranheza e um verdadeiro remanejamento do mundo para que algum sujeito, a posteriori possa dar conta disso que apareceu. Veremos de que forma costuma ser isso que chamamos de remanejamento do mundo pelo psicótico quando nos detivermos sobre o delírio.

O que se apresenta também não se submete à defesa, exige um trabalho de ‘adaptação’ pelo sujeito disso que voltou. Em suas notas sobre o caso Schreber, Freud ([1911-1913]: 32) observa que antes da eclosão do quadro agudo, o paciente relata ter pensado que deveria ser bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula. Com o decorrer do tempo surgiram os fenômenos alucinatorios nos quais vozes zombavam do paciente chamando-o de “Miss Schreber” dentre outras alucinações que tratavam de alojá-lo em uma posição feminina. Em seguida surge a idéia de emasculação com fins superiores e Freud lê essa seqüência como uma tentativa de reconciliação através da representação “ser mulher”. Tendo sido transformada em uma tarefa divina, transformar-se em mulher tornou-se uma designação mais aceitável, mais adaptada ao *eu* em termos freudianos. As representações das quais o delírio se origina chegam até a consciência e, como elas não são flexíveis, o *eu* se molda de maneira a ficar mais harmonioso com elas.

Esse caso extensamente abordado por Freud torna possível ilustrar que quando ocorre *Verwerfung* o retorno do que foi suprimido não se faz como que remetendo a algo, como representando um conteúdo porque este, como vimos anteriormente, não sofreu *Bejahung* e, portanto, nunca chegou a existir para o sujeito. Este retorno se dá “vindo desde fora” (Freud, 1911: 78) porque não há existência do que foi foracluído para o sujeito. Aproximando a noção de foraclusão em Demourette e Pichon da de Lacan temos que se numa oração há uma idéia que é “expulsa do campo das possibilidades percebidas pelo locutor” (Arrivé, 1999:152), em Lacan o que sofreria essa expulsão seria um significante. Mas, que significante é este foracluído na psicose? Já vimos que ele é tido como um significante primordial e Lacan ([1955-56]: 321) o assemelha à “estrada principal”¹³ por ser o significante que, quando em falta, produz um buraco na cadeia que ameaça todo o edifício (Ibid.: 102) - o significante do

¹³ “la grand’ route” no original em francês.

Nome-do-Pai. Sobre o Nome-do-Pai, a sua função e os efeitos de sua forclusão na psicose discutiremos à frente ainda neste capítulo.

Diante do retorno disso que foi rejeitado o sujeito

[...] por não poder fazer uma mediação simbólica qualquer entre o que é o novo e ele próprio, entra em outro modo de mediação, completamente diferente do primeiro, substituindo a mediação simbólica por um formigamento, por uma proliferação imaginária, nos quais se introduz, de maneira deformada, e profundamente a-simbólica, o sinal central de uma mediação possível. (Lacan, [1955-56]: 104)

No que consiste essa mediação imaginária a que Lacan se refere no excerto acima? Vejamos essa questão a partir do delírio. Frente ao retorno do que foi foracluído primeiramente o *eu* seria arrastado para longe da realidade e, num momento posterior, poderia suceder uma tentativa de reparo deste distanciamento (Freud, 1924: 206). Entretanto, dizer que há uma tentativa posterior de retomada da relação com a realidade não significa de modo algum o retorno e a submissão ao mundo externo. Nesse caso o que observamos é a reconstrução da relação do sujeito com o mundo externo através da construção de uma outra realidade, de um novo mundo “(...) não mais esplêndido, é verdade, mas pelo menos de maneira a poder viver nele mais uma vez. Constrói-o com o trabalho de seus delírios” (Freud, [1911-13]: 94).

Este novo mundo delirantemente inventado “(...) como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do *eu* com o mundo externo” (Freud, 1924: 169)¹⁴ passa a receber todo investimento libidinal, enquanto o mundo externo deixa de ter relevância para o sujeito. Este elemento clínico é comumente observado na esquizofrenia¹⁵, nas quais é comum que os pacientes progressivamente desinvistam afetivamente do mundo que os cercam, afastando paulatinamente a libido da realidade externa (Id., [1911-13]: 83), submetendo-se às representações psíquicas em detrimento da realidade.

Este é um dos grandes avanços ofertados por Freud à teoria da psicose: entender que o delírio, mais do que um elemento psicopatológico, é uma tentativa de restabelecimento da relação com o mundo, uma tentativa de cura ou

¹⁴ Ao retomar este fragmento da teoria freudiana das psicoses, Lacan ([1955-56]: 180) entende que, ao localizar o buraco na ‘realidade’, Freud abordava o que ele veio considerar uma deficiência, uma falha no simbólico. Essa falha no simbólico que Lacan aborda no seu seminário sobre as psicoses deve ser lida à luz posterior da definição de simbólico como furo. É porque esse furo falta que o psicótico precisa do trabalho do delírio.

¹⁵ Freud ([1911-13]: 83) se refere a Abraham no que ele demonstra sobre o afastamento da libido do mundo externo nos casos de demência precoce.

“restabelecimento, um processo de reconstrução” (Id., 1911:78). O delírio é uma tentativa de harmonização com o que irrompe como totalmente estranho, como uma resposta a posteriori na deflagração do quadro psicótico. Lacan deu um destino célebre a isso, mas nós, no presente, estamos mais interessados no lugar do furo.

Dizer que, a reação diante disso que é totalmente estranho ao sujeito, ainda que isso lhe pertença, se passa num outro registro que não o simbólico, significa que ele não carrega um furo em sua constituição e que é, portanto, de natureza imaginária. Por pertencer a este campo onde reina a unidade a consistência, o centro e a significação, o delírio se faz a partir destas características constituindo-se como uma edificação sólida, totalitária e fixa¹⁶.

Se a forclusão do Nome-do-Pai tem como uma conseqüência possível a construção de uma estrutura bem acaba, firme, total e sem furos podemos supor que há alguma relação desse significante com a manutenção da hiância que encontramos na estrutura da linguagem. Detenhamo-nos sobre esse ponto.

4.4

O Nome-do-Pai e sua incidência sobre o impossível

Tendo avançado pela forclusão na psicose, é oportuno que nos detenhamos sobre a função do Nome-do-Pai, com o foco em sua ação sobre o impossível, sobre essa falta estrutural da linguagem, para em seguida notar os efeitos de sua falta na psicose. Dizer que o Nome-do-Pai sustenta um vazio já é um passo à diante, portanto é preciso retroceder e justificar essa afirmação para seguirmos em frente.

Voltemos à operação de linguagem fundante para o sujeito que se dá no interior da relação pai-mãe-criança, isto é, ao chamado complexo de Édipo. Em um momento logicamente anterior a criança se encontra numa relação de completude imaginária com a mãe onde o que está em jogo é ser o falo para esta mãe. Essa relação imaginária e incestuosa guarda o seu valor, mas pode ser que em algum momento um terceiro se interponha nessa relação desestabilizando esse par coeso e mortífero (Lacan, [1955-56]: 114).

A esse terceiro chamamos pai e a sua interferência constrói uma relação triangular pai-mãe-criança na qual o pai ali está para representar o falo, para exercer a sua função de metáfora. Expor que o pai é uma metáfora nos leva a retomar a fórmula

¹⁶ Agradeço às contribuições de Marcus André Vieira em seu seminário “A presença do Outro”, ministrado na EBP seção Rio durante o ano de 2009 no que diz respeito ao entendimento do caráter imaginário do delírio aplicado neste parágrafo.

da metáfora para abordar com o merecido rigor o que isso denota. Sobre a fórmula da metáfora, especificamente no que dela está em jogo nesse tema, Lacan (1958: 563) diz: "isso se aplica, assim, à metáfora do Nome-do-Pai, ou seja, à metáfora que coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe". Então o pai substitui, entra no lugar das ausências da mãe como algo a que ela se dirige em vez de se dirigir à criança.

A partir do mito do Édipo, Freud concebe o pai como aquele que proíbe o gozo do filho e acarreta a renúncia das pulsões. Em contraposição a esse pai que diz *não*, em Lacan, além de *não*, o pai é aquele que diz *sim*, é um pai doador (Mazzuca: 2005). A intromissão de algo que interrompa o gozo deve ser entendida como algo libertador, afinal um gozo infinito, sem pausa está mais associado ao pesadelo do que ao prazer (Vieira, 2008b: 96)¹⁷.

Ao entender a relação mãe e filho como uma relação que aprisiona a criança ao desejo da mãe, a metáfora paterna passa a ter a função de abalar essa relação e, ao fazê-lo termina por abrir outras vias de satisfação que não essa alienante e mortífera. Desta forma, o pai em Lacan tem efeito de regulação sobre o gozo o que significa que, muito mais do que o pai freudiano que proíbe, o pai lacaniano é o que dá lugar à particularidade do desejo do sujeito sintonizando-o à lei do simbólico (Mazzoti: 2005). Mas estejamos atentos mais à operação de linguagem que está em cena e menos ao drama - ou romance - familiar que reveste essa operação.

Se pudemos reconhecer a existência do vazio, de um impossível na estrutura da linguagem no decorrer do primeiro capítulo, agora podemos afirmar que este vazio, a partir do complexo de Édipo, é relacionado ao Pai (Vieira, 2008b: 161). Essa mãe que não está presente, isso de mim que falta é vinculado ao Pai, mas essa ligação entre o vazio e o Nome-do-Pai não implica no fim desse furo, muito menos na eliminação ou obturação do impossível, pelo contrário, este ponto inapreensível se mantém e passa a se apresentar por ganhar contorno, localização (Lacan, [1962-63]: 79).

Desde a entrada do Nome-do-Pai nesse furo esse vazio deixa de ser furo generalizado, em qualquer lugar e passa a ter endereço certo. Lacan faz muitas menções ao contorno dado pelo Nome-do-Pai ao impossível e uma delas está na aula "Ponto de basta" do seu terceiro seminário, na qual ele se detém extensamente sobre o temor a Deus através de fragmentos de textos de diversas culturas. Desta forma ele chega à conclusão de que este medo não é "natural" e não faz parte de um repertório

¹⁷ Quando tocarmos na psicose essas reflexões sobre finitude ou a infinitude do gozo serão retomadas

biológico, mas de que ele foi inventado por conta da necessidade do homem de apaziguar o terror de um mundo composto de inúmeros e imprevisíveis terrores. Substituindo os vários perigos que o mundo oferecia, o temor a um Deus funciona como ponto de basta, como significante em torno do qual tudo se organiza, como ponto de convergência.

Por que esse esquema mínimo da experiência humana (o esquema do ponto de basta), que Freud nos deu no complexo de Édipo, conserva para nós seu valor irreduzível e no entanto enigmático? [...] – se não é porque a noção do pai, muito próxima daquela do temor a Deus, lhe dá o elemento mais sensível na experiência do que chamei o ponto de basta entre o significante e o significado. (Lacan, [1955-56]: 303)

O temor a deus, tal como o Nome-do-Pai localiza o furo, põe fim ao “tudo é possível” e estabelece um leque de possibilidades, pois os terrores múltiplos do mundo estariam sob a regulação deste ser “que não pode, afinal de contas, exercer suas sevícias senão pelos males que estão aí, multiplamente presentes, na vida humana” (Lacan, [1955-56]: 302). Desta forma, Deus e o Pai, para além da aparência castradora que é mais usualmente evocada, possuem um caráter organizador e regulador da existência.

O ponto de basta é a palavra temor, com todas essas conotações trans-significativas. Em torno desse significante, tudo se irradia e tudo se organiza, como nessas linhas de forças formadas à superfície de uma trama pelo ponto de basta. É o ponto de convergência que permite situar retroativa e prospectivamente tudo o que se passa nesse discurso. (Lacan, [1955-56]: 303)

Essa expressão *ponto de convergência* nos interessa por remeter à organização daquilo que é caótico, disperso. Nesse sentido já vimos também a expressão ‘estrada principal’ (Ibid.: 329) como via em torno da qual as habitações, estâncias se aglutinam.

Trazer expressões tais como “estrada principal” ou fazer alusão ao temor a Deus possibilita lembrar que o Nome-do-Pai está para além do pai real, do pai da família ou de qualquer outro personagem que encarne a função; e que este conceito nos informa precisamente sobre uma operação de linguagem. É nisso que Lacan parece insistir quando ele retoma os estudos freudianos contidos em “Totem e Tabu” sublinhando a diferença existente entre copular (gerando um filho) e procriar. A atribuição do nascimento de uma criança a determinada pedra ou animal do totem não significa que as mulheres e os homens da tribo desconhecem a ligação entre o ato sexual e a gestação, mas sim que copular com a mulher de modo algum faz do homem *ser pai*, no sentido de procriar. O que faz liga entre o nascimento da criança e o seu genitor não é da ordem do saber, nem da observação, mas sim uma questão de fé, de crença:

"é justamente isso que demonstra que a atribuição da procriação ao pai só pode ser efeito de um significante puro, de um reconhecimento, não do pai real, mas daquilo que a religião nos ensinou a invocar como o Nome-do-Pai" (Lacan, 1958: 562). Ser pai é uma atribuição que é pautada pela tradição.

É essa crença na existência de um Outro organizador dos parâmetros do mundo que funciona como ponto de referência orientador, que garante que não estamos expostos a qualquer coisa a todo momento, que há leis no mundo e que não é possível trapacear. Esse ponto que não engana se estabelece como uma operação que é da ordem de um "ato de fé" (Id., [1955-56]: 79), que Freud contrapôs à *Unglauben*¹⁸ que marca a relação do sujeito paranóico, como veremos no sub-capítulo seguinte.

Assim, a função paterna contorna o *vazio como fé*, aposta de que há alguém que funciona como um elo que pode dar explicações sobre mim (Vieira, 2008b: 38), incidindo sobre o vazio sem lhe conferir consistência ou obturá-lo, mas sim lhe confeccionando bordas.

Para entendermos melhor o porquê dessa especificidade da intervenção do Nome-do-Pai sobre o furo, precisaremos retomar as reflexões sobre o que Freud cunhou como o umbigo dos sonhos. Vimos que ele é um ponto do sonho para onde convergem as associações sobre o sonho. Esse ponto resistiria à interpretação e elucidação, sendo considerado o ponto de contato com o desconhecido. Podemos perceber que na experiência clínica de Freud o paciente traz desdobramentos sobre o seu sonho quando, em um determinado trecho desse relato, as associações estancam (Ibid.: 55). Podemos notar que a operação lógica que Freud sublinha com relação ao umbigo dos sonhos – a função de convergir e de frear um fluxo, é semelhante à função do *ponto de basta* descrito por Lacan. Parecem, na verdade, diferentes desdobramentos, diferentes facetas da mesma operação lógica. Se dermos continuidade a essa linha de raciocínio em que umbigo dos sonhos e ponto de basta possuem a mesma natureza, podemos concluir que o ponto de basta é um vazio. Assim como o umbigo dos sonhos, o ponto de basta concentra as associações e as faz parar por ser um furo e isso caracteriza a intervenção do Nome-do-Pai sobre o sujeito.

¹⁸ Encontramos em Lacan ([1959-60]: 163) a discussão sobre a tradução mais pertinente para o termo *Unglauben*, contido no texto "O Futuro de uma Ilusão" de Freud, e a proposta de que, em vez de não-crença ou descrença, tratemos deste termo como ausência da crença. Essa proposta visa sublinhar que não se trata de que a crença tenha primeiramente existido e tenha sido recusada num segundo momento. Na verdade a indicação é de que a *Unglauben* é primária e a crença se daria através de uma operação que pode ou não acontecer, como veremos na psicose em que isso não há.

O Nome-do-Pai - como crença localiza esse furo sem que ele se torne palpável (Lacan, [1959-60]: 85) ou alcançável. O furo, com a incidência do Nome-do-Pai permanece como intangível porque o Nome-do-Pai é também um furo, e como inatingível porque o endereço deste significante é fugidio, sempre no infinito (Regnault, 2001). Já dissemos anteriormente que o Nome-do-Pai regula e organiza a existência e já podemos acrescentar a isso que ele o faz como um furo que incide sobre o furo e que, por conta disso, não erradica o imprevisto, não faz da existência algo sem vida.

4.5

O impossível e a sua foraclusão na psicose

Fica claro o porquê de Lacan ter enfatizado em sua obra a importância do Nome-do-Pai - este significante que ordena o mundo. Para o sujeito psicótico, a metáfora paterna não pôde operar e ele não dispõe do Nome-do-pai para se situar na existência, pois o Nome-do-pai, como vimos anteriormente, está foracluído. Isso posto, devemos retomar as afirmações sobre o Nome-do-Pai como crença acompanhando a afirmação de Freud e Lacan de que não encontraríamos na posição do sujeito psicótico esta fé, mas sim *Unglauben*.

A inscrição do significante do Nome-do-Pai organiza o mundo garantindo a “verdade da realidade” (Lacan, [1955-56]: 81) - de tal forma que Einstein (*apud* Lacan, [1955-56]: 79) pôde afirmar que “Deus é malicioso, mas é honesto”. Isso significa que a sua carência na psicose proporciona a possibilidade de subversão das normas que regulam o mundo e até a sua total abolição.

Desta forma, esse ser primeiro que conferiria garantias ao real (Ibid.: 84) é um ser que não é confiável, que pode ser caprichoso. Isso se deve à ausência de um ponto de apoio orientador, à falta de crença nesse Outro que na neurose vemos presente. Na psicose essa representação de um Outro em que se crê está extinta porque a abertura que há entre dois significantes – abertura que patrocina essa crença; não está preservada pelo Nome-do-Pai como na neurose, mas sim solidificada, engessada. Ao falar da solidificação entre os significantes na psicose, Lacan afirma que

Essa solidez, esse apanhar a cadeia significante primitiva em massa, é o que proíbe a abertura dialética que se manifesta no fenômeno da crença. No fundo da paranóia, que nos parece no entanto toda animada de crença, reina esse fenômeno de *Unglauben*. (1964: 225)

Se o vazio encontra-se engessado na estrutura psicótica, vemos a impossibilidade de instauração do jogo dialético na cadeia significante e, conseqüentemente, da crença neste jogo. Temos um sujeito em que houve a “*Versagen des Glaubens*”¹⁹ (Id., [1959-60]: 71) e que se constitui sem crer em uma verdade que só possa se dar dentro de uma estrutura de ficção a partir da linguagem. No psicótico a função significante falhou: ele não crê nessa função e essa posição de descrença fica evidente na irrefutabilidade do delírio. Não se pode sequer entender que, na verdade, o psicótico crê em seu delírio. A relação do sujeito psicótico com o delírio não é da ordem da crença, não se articula como fé, mas sim como uma certeza, como uma relação na qual algo se apresenta para o sujeito e ele só pode se submeter a isso.

Mas, se vimos anteriormente que esta peça fundamental falta nas psicoses, como a vida desses indivíduos se organiza? Digo ‘organizar’ na intenção de seguir a orientação de Lacan de que a forclusão do Nome-do-Pai na psicose não deve ser entendida como déficit, até porque a noção de déficit não tem razão para estar mais associada à psicose do que a qualquer ser de linguagem, como vimos no primeiro capítulo. Se o Nome-do-Pai localiza o furo, devemos lembrar que essa localização, ainda que funcione como “um lugar de convergência, de síntese de tudo aquilo que pôde apresentar-se até então de tendências parciais” (Lacan, [1962-63]: 79), também não tem consistência, também é um “lugar vazio” (Lacan, loc. cit.).

Estamos todos constrangidos a dar o destino que nos for possível à hiância da linguagem²⁰, o que nos leva a encarar a psicose como outro modo peculiar de encaminhar isso, como solução singular que cada sujeito constrói para tentar se organizar, porém sem contar com as balizas oferecidas pelo Nome-do-Pai. Logo, se a presença do Nome-do-Pai orientando os caminhos da estruturação no sujeito neurótico tem suas conseqüências, quais seriam as implicações da constituição de um sujeito sem este recurso?

4.6 Os fenômenos da psicose à luz da teoria da forclusão

É na medida em que um termo pode ser recusado, que mantém a base do sistema das palavras numa certa distância ou dimensão relacional, que veremos

¹⁹ Falha ou fracasso da crença.

²⁰ Freud dedicou o seu texto “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (1908) ao desenvolvimento do argumento de que as repressões à satisfação que a vida em civilização exige poderiam ser consideradas uma causa para o aumento da doença nervosa em seu tempo. Isso nos serve por elucidar que a neurose experimentará as suas agruras que a vida na linguagem inclui.

desenvolver-se toda a psicologia do psicótico – falta alguma coisa, em direção a que tende desesperadamente seu verdadeiro esforço de suprimento, de significantização.

Lacan, [1959-60]: 85

O caminho do sujeito sem o recurso do Nome-do-Pai pode assumir formas diversas, dentre elas citaria a esquizofrenia, a melancolia e a paranoia, mas na atual dissertação o nosso foco recairá sobre os traços paranóides por serem uma solução mais conhecida e mais amplamente estudada por Lacan, enquanto que nas outras formas clínicas da psicose ainda ensaiamos os primeiros passos. Além disso, a estrutura da psicose que Lacan ([1959-60]: 164), a partir de Freud, aproxima da ciência é a paranoia, enquanto que a esquizofrenia se manteria na reiteração da dialética instituída pelo vazio (Id., 1954: 394). Mas vale deixar registrado que a solução fabricada pelo paranóico não é a única possível dentro da psicose e talvez não seja a mais usual.

Na discussão do caso Schreber, Lacan [1955-56] aponta com Freud (1911) que o delírio funcionou como via de reparação metafórica, fazendo as vezes da metáfora paterna que não se inscreveu, operando como uma solução sob a designação “mulher de Deus”. Na falta do Nome-do-Pai para manter o vazio, o delírio de Schreber serve como ilustração de uma possibilidade de obra delirante que permite que o sujeito reate a sua relação com o mundo. Temos aqui um encaminhamento possível que entra em ação onde o processo metafórico operado pelo pai falta, um trabalho artesanal de confecção de uma verdade sobre si que o Nome-do-Pai traria consigo (Lacan, [1975-76]: 23). Porém essa produção da sua verdade própria fabrica uma verdade sem brechas, de cunho imaginário, diferente da verdade no horizonte confeccionada pelo pai (Id., 1958: 584)

Outras conseqüências da forclusão do Nome-do-Pai podem ser encontradas ao longo de “O seminário – Livro 3”, principalmente quando Lacan evoca Clerambault para versar sobre os fenômenos elementares da psicose tratando-os como mais do que elementos psicopatológicos e lhes conferindo o devido estatuto de fenômenos de linguagem. Lacan inventa a título de exemplo uma situação na qual um psicótico encontra um carro vermelho na rua e pensa que este carro não pode estar ali por acaso: não pode ser sem razão o carro estar ali, naquele lugar, naquele momento. Essa intuição delirante impõe ao sujeito que esse carro tem uma significação (Lacan, [1955-56]: 18). Há aí uma falha da percepção? Para Lacan (Ibid.: 30) “temos então um sujeito para quem o mundo começou a ganhar significação”.

Se a linguagem por sua estrutura impede o acesso à significação e se esperamos que todo elemento esteja em relação a outro, os fenômenos da psicose como o neologismo e a intuição delirante evidenciam um caminho em direção para a significação, isto é, para um elemento que não esteja vinculado a outra significação, mas que consista em si mesmo. Eles estancam a significação e enrijecem a estrutura discursiva do sujeito que, como pensamos na neurose, seria maleável.

Podemos pensar que esta generalização da significação nos fenômenos da psicose trata da remoção de um impossível da linguagem ao juntar significante e significado - manobra que a estrutura psicótica possibilita, tornando tudo signo (Lacan, [1955-56]: 17). Se o Nome-do-Pai confere bordas ao furo, se ele é a localização de um impossível, o caminho para a suplência da falta deste na psicose é em direção à improvisação de um limite (Vieira, 2008b: 96). Improvisação aqui se refere à construção de um limite sem as balizas do Pai.

Vale discernir que dizer que as soluções na psicose caminham no sentido da eliminação do impossível não significa que ela seja plenamente bem-sucedida nisso, ou seja, de que esse impossível deixe de existir na psicose. Na verdade isso implica que este furo, por não vir “à luz do simbólico aparece no real” (Lacan, 1954: 390), como pudemos ver no começo deste capítulo.

5 Ciência, Psicose e forclusão

O estudo sobre a posição da ciência e da psicose diante do impossível nos forneceu elementos para empreender aproximações e distinções entre ambas. Assim o faremos neste capítulo visando extrair dessa analogia algumas indicações para um trabalho orientado pela psicanálise em uma cultura regida pela ciência. Partimos da analogia empreendida por Lacan em textos como “A ciência e a verdade” onde ele afirma que “uma paranóia bem sucedida apareceria igualmente como o encerramento da ciência.” (1965: 884). Mas em quê uma paranoia bem sucedida se assemelha à ciência? É a este ponto que pretendemos chegar ao final desta dissertação.

5.1 *A Unglauben*

Começamos pela maneira como discurso científico e psicose se estruturam para depois chegarmos às conseqüências dessa estruturação. Retomemos as reflexões do terceiro capítulo sobre a crença ou a ausência desta - *Unglauben*. Afirmamos com Lacan (1959-60: 163) que o vazio que põe em ação a função significante da linguagem é foracluído na paranoia e que, por conta disso, os fenômenos que desta estrutura derivam carregam a marca do que é sem furo. Resta saber por que Lacan utiliza o termo *Unglauben* para falar da posição do discurso da ciência sendo que este termo é o mesmo utilizado por Freud para designar a posição do paranóico diante da realidade psíquica (Lacan, [1959-60]: 163).

Podemos começar notando que em ambas – ciência e psicose, esse vazio é rejeitado no sentido próprio da *Verwerfung* (Ibid.: 164). O descompasso próprio ao sistema da linguagem que a psicanálise sublinha, conforme vimos no primeiro capítulo desta dissertação, é justamente o que psicose e ciência foracluem. O discurso da ciência na modernidade nasce a partir de um saber que se supõe sem limites e que, por isso, desconsidera, por princípio, o vazio que produz da linguagem uma versão estruturada aos moldes do Nome-do-Pai. Ao mesmo tempo em que a ciência esquece

esse vazio originário a partir do qual um corpo se constitui, ela é um “discurso que, por estrutura, nada esquece” (Ibid.: 287). Vejamos que a inclusão dessas duas orações na mesma frase não forma de modo algum um paradoxo, mas afirma o mesmo de formas diferentes retomando o aforismo de Lacan (1953) que equipara o modo como se estrutura o inconsciente da estrutura da linguagem. Inconsciente e linguagem se compõem a partir de algo que foi esquecido. Um “discurso memorial do inconsciente cujo centro está ausente” (Lacan, [1959-60]: 287) não faz o menor sentido dentro do discurso científico porque nele tudo é presente e palpável. Dizer que a ciência não esquece nada e que ela esquece o vazio são afirmações equivalentes que se referem à operação de forclusão do impossível pela ciência.

No lugar desse impossível, a ciência preenche a hiância entre causa e efeito promovendo um retorno desse impossível como fórmula no real e, fazendo assim, ela consegue estabelecer conexões diretas entre estes. Essa relação direta se presentifica nas fórmulas ou leis científicas que obturam o furo por considerá-lo acessível e numérico, portanto, legível. Se na neurose, com a inscrição do Nome-do-Pai, esse furo fundante do sujeito é sustentado pela crença de que há no infinito alguém que olha por mim, que contém meus mistérios e que tem todas as respostas (Regnault, 2001); a ciência toma esse furo e diz: isso é número. Veremos ainda nesse capítulo que na arte, religião e na magia encontramos destinos ou tratamentos diferentes ao vazio - seja contornando-o ou evitando-o, mas ciência e paranoia não possuem crença nele, não o concebem. Disso depreendemos que na experiência da neurose, por conta da inscrição do Nome-do-Pai, há a crença enquanto que na psicose assim como na ciência há a *Unglauben*, a não-crença no Pai.

No terceiro capítulo afirmamos que o sujeito psicótico, por mais que pareça ser dos sujeitos o mais crente, não crê. Pudemos ver também como isso está relacionado à forclusão do Nome-do-Pai, por este ter a função “de ser aquele que contém as palavras no sentido em que contém quer dizer retém, razão pela qual uma distância e uma articulação são possíveis” (Lacan, [1959-60]: 85). Desta forma, sem o Nome-do-Pai que estabeleceria uma distância que abriria a possibilidade de uma articulação pelo sujeito, o que chega ao sujeito pode ser experimentado como uma imposição, como uma presença externa justamente onde se esperaria uma apropriação por parte do sujeito.

Tentemos nos acercar dessa ex-timidade (Lacan, [1959-60]) através de elementos da clínica. Clérambault (*apud* Tenório & Rocha, 2006: 66) traz algumas citações que ilustram o que gostaríamos de afirmar nesse ponto da dissertação. Sua

paciente lhe diz: “Sou forçada a reconhecer as pessoas”; ‘Mostram-se todas as minhas lembranças, mostram-me minhas próprias lembranças’; ‘Não sei onde encontrar meu pensamento em tudo o que me sopram’”. Esses relatos recolhidos por Clérambault nos colocam diante de uma operação que, apesar de sua complexidade e sofisticação, para a maioria de nós é vivida como trivial. É através da psicose que temos notícia de que lembrar e pensar, por exemplo, são operações de linguagem índice da nossa condição de sujeito (Tenório & Rocha, 2006). A possibilidade do sujeito articular essa operação como lhe pertencendo, como sendo ativada pelo seu desejo e estando sob seu comando dependem da entrada do Nome-do-Pai, senão isto permanece como algo externo que lhe é determinado. Podemos pensar que o mesmo acontece na ciência no que se refere à matematização do real. Tal como o retorno do impossível como fórmula no real instaurado pela ciência, a forclusão de lei paterna na psicose tem como retorno algo que é experimentado como uma lei absoluta para o sujeito.

A idéia de que o universo foi escrito em caracteres matemáticos não é uma crença, não é nem mesmo uma idéia, mas uma certeza e não encontramos nenhum saber na raiz desse postulado científico. Entender que a ciência *acredita* que o real contém fórmula é supor que houve uma articulação lógica anterior que culminasse nessa conclusão quando o processo é justamente o avesso disso. A ciência não *crê* na matematização do real, isso está lá e não foi inventado por ela porque já era assim desde sempre. Primeiro surge a concepção do universo matematizado - tal como um postulado delirante, acrescentaria, e depois surgem as teorias que visam acomodar o mundo nesse postulado, como veremos a seguir.

5.2 A hipertrofia do imaginário

Diante da *Unglauben* na ciência e na psicose frente ao impossível da linguagem, devemos lembrar que a forclusão do impossível não implica a sua desapareição. No caso da psicose, este impossível recebe um tratamento, cujos efeitos são no sentido da significação e cuja natureza é prioritamente imaginária (Lacan, [1955-56]: 104). O impossível será apresentado, não como vazio, mas como significação, de forma eminentemente imaginária. Pensemos sobre essa figuração imaginária do impossível começando por uma retomada do que já vimos sobre a psicose para avançarmos na analogia com a ciência¹.

¹ Mais tarde, quando Lacan articular sua teoria a partir do RSI, seu o vocabulário muda e o que Lacan chama neste momento de simbólico passa a ser um modo de articulação, enquanto que o imaginário seria outro modo.

A partir da *Verwerfung* de um significante primordial que, já vimos, é um nome do vazio - o Nome-do-Pai, a construção do mundo erigida pelo sujeito se fará através dos delírios, através do imaginário, o que lhe confere predicados relativos a sua consistência, solidez e fixidez. O sistema de linguagem tal como expomos no primeiro capítulo pode sofrer uma torção na psicose que engessa significante e significado e, mais uma vez, o delírio pode ser tomado como ilustração disso. Isso que nos permite acompanhar a afirmação de Lacan (1954: 394) de que no paranóico preponderam as estruturas imaginárias. Resta a questão sobre a forclusão do sujeito na ciência.

A partir do discriminante de Popper, vimos no segundo capítulo que os pontos sobre os quais a ciência se debruça possuem a marca da contingência e que essa marca é transformada pela ciência a priori como condição para conseguir definir a lei do fenômeno. As leis científicas nascem da contingência, elas portam um imponderável em sua constituição que é de saída transformado em necessário. Essa necessidade não tem a ver com o fenômeno observado e sim com a operação discursiva que a ciência promove. O discurso científico capta o contingente sob uma forma literal, ou seja, ele confere ao contingente uma escrita que o torna algo que não pode ser outro que é. Nas palavras de Milner (1996: 52), “a estrutura da ciência moderna repousa inteiramente na contingência. A necessidade material que é dada às leis é a cicatriz dessa contingência mesma”. O imponderável foracluído é mantido, mas como cicatriz, integrado na equação.

Já podemos perceber que nosso caminho nos leva a entender que tanto o postulado delirante quanto o postulado científico são, um modo de fazer com o furo. O ideal da ciência e a psicose com a forclusão do Nome-do-Pai apagam de sua história a possibilidade de um vazio originário e alcançam ao extremo a rejeição do sujeito² (Freire, et. al., 1996: 25). Elevando isso à máxima potência na ciência e na psicose podemos dizer que em ambas o não-ser, não é óbvio. No caso da psicose é como se não houvesse não-ser, tudo é algo e, como exemplos disso podemos citar a interpretação delirante ou a total perplexidade comum nos primeiros surtos. Quando tudo pode acontecer, tudo é, tudo vira ser³. Isso nos remete à ausência do que ressaltamos no terceiro capítulo como ponto de basta porque a ausência disso que limita as possibilidades do que pode vir a ser no mundo se presentifica tanto na ciência quanto na psicose (Vieira, 2008a).

² Não defendo aqui a inexistência de sujeito na psicose, mas de uma ex-sistência, na qual um sujeito se constitui pela própria subtração, criando um território ao qual ele possa pertencer.

³ Essas reflexões advieram das discussões ocorridas no seminário “Lições da Psicose”, ministradas por Marcus André Vieira no Instituto Phillippe Pinel.

5.3

Fim da impotência, forclusão e fabricação do impossível

A estrutura psicótica possibilita o atrelamento entre significante e significado e esse atrelamento se apresenta nos fenômenos da psicose onde observamos a formação de signos (Lacan, [1955-56]: 17). Mas, afirmar que nisso consiste a forclusão do impossível nessa estrutura não justifica a afirmação de que este impossível não exista na psicose. O mais preciso que poderíamos dizer é que este impossível não existe tal como na neurose. Voltemos à analogia entre psicose e neurose para insistir sobre essa questão do impossível e da impotência na neurose para podermos entender por contraste como seria essa questão na psicose e na ciência.

Na neurose há, segundo Freud, uma incompatibilidade entre o *eu* e uma representação desconfortável e que, diante desse conflito, é retirado o afeto dessa representação, o que a torna inócua. Isso não significa, entretanto, que o *eu* é aliviado por completo da contradição: ele passa a sofrer com um sintoma que faz lembrar a primeira representação originalmente suprimida. Na neurose o furo pode ganhar uma roupagem, ser mantido por algo que o representa, mas ele se mantém como impotência. Para entendermos o que articulamos aqui como impotência, será necessário nos referirmos à limitação do gozo, ou seja, à instituição no sujeito do gozo fálico.

Em nossas reflexões sobre o complexo de Édipo, atribuímos ao Pai a função de interromper o gozo da relação incestuosa entre mãe e filho. A partir daí a criança passar relacionar o que falta a ela com isso que interveio e interditou, o Nome-do-Pai. Daí por diante a vida do sujeito será uma alternância entre “satisfação” e “exigência de satisfação”, quando a satisfação e o poder estarão relacionados ao falo⁴ (Freud, 1920; Vieira, 2008: 90 et. seq.). A potência total, o gozo absoluto e ininterrupto, a partir da instauração da lógica fálica, estarão inviabilizados porque o objeto que prometeria esta satisfação é interdito no Édipo e localizado como da alçada do Pai. Nisso, impotência, ou seja, incapacidade de fruição do gozo proibido, e impossível convergem no Nome-do-Pai, que, por sua vez, fixa esse impossível no infinito mantendo-o como inapreensível e fora de controle do indivíduo, como algo maior do que ele mesmo (Regnault, 2001).

⁴ Sobre essa associação entre o falo e o poder, bem como sobre as múltiplas facetas dessa associação ver Vieira (2008: 92).

Desta forma, se o neurótico encontra um furo, um ponto cego, ele é lido como a marca de sua impotência e o faz crer que dali algo olha por nós, como um lugar onde constam todas as respostas para nossos enigmas. Essa crença não se instaurou na psicose. O que está foracluído é, portanto, a possibilidade de entrada no vazio do Nome-do-Pai como expectativa, como uma resposta sempre a ser alcançada, sempre no horizonte.

Isso que está sempre no horizonte para o neurótico tem status muito diferente na psicose e na ciência. O que não se instaurou no psicótico é a impotência tal como na neurose porque na psicose o impossível ganha significação e passa a ser explicável, acessível, mesmo se figurado como um Outro absoluto. Podemos trazer uma fala da personagem central do filme “Estamira para todos e para ninguém”⁵ para vivificar isso que queremos abordar aqui. Sobre si mesma ela diz:

Cagüeto nacional, brasileiro, natural, superior, sanguíneo, visível, absoluto é Estamira. Cagüete também principal, natural, nacional, regional... geral! Mas também cagüete, além de Estamira. O Cagüete é o comunicador de toda a coisa, todas as coisas. É o resumo: o cagüete é o comunicador de todas as coisas, revelador comunicador de todas as coisas

Todas as coisas estão ao alcance e são comunicáveis por Estamira. Não há nada no mundo que seja visto por ela como estando além do que ela pode explicar porque não há impotência. Em outro filme – “Estamira”, do mesmo diretor, ela diz mais:

Tem o eterno, tem o infinito, tem o além, e tem o “além dos além.”. O além dos além vocês ainda não viram. Cientista nenhum ainda viu o além dos além. O além dos além é um transbordo. (Vieira: 2008, 96)

O impossível, aquilo que está além para a maioria de nós - os *sanguíneos*, é campo conhecido e teorizado por Estamira, o que pode nos aproximar da afirmação de Lacan (1954: 390) de que na psicose a castração se encontraria “suprimida pelo sujeito dos próprios limites do possível”. O Nome-do-Pai como intervenção de algo externo que confere bordas ao furo na neurose opera desta forma por ocupar um lugar de exceção, de *Todo*, que, como exceção funda a norma. Com a foraclusão deste na psicose, estamos em uma estrutura na qual, por não haver este *Todo* que estabelece que o jogo tem regras, há *nãotodo* (Lacan, 1972; Vieira, 2004). O Outro *nãotodo*, por ser absoluto e caprichoso – bem diferente do Deus honesto de Einstein, não poderá funcionar como regulação, como ponto de basta para o gozo que tenderá, desta forma, a se absolutizar. Estamira vai além, vai até o transbordo ilustrando com isso o

⁵ Documentário do mesmo diretor de “Estamira” – Marcos Prado, feito a partir do material que não entrou na edição para o primeiro filme. Estamira é psicótica e nos dois filmes ela torna pública sua cosmovisão.

“desmedido do gozo no discurso” (Vieira: 2008, 96) que *sanguíneo* nenhum suportaria. Porém, isso não significa que não haverá um preço a ser pago e que o psicótico estará livre de constrangimentos.

Quase fora do mundo, tem como contrapartida a necessidade de reconstruí-lo em permanência do delírio, pagando com a desrazão o preço de um termo para o problema do impossível infinito [...]. (Vieira, 2008: 101)

Já que na neurose há esse impossível que se instaurou para uma maioria, o caminho para o psicótico poder viver no mundo é em direção da construção artesanal (Vieira, 2008) de algo que funcione como uma espécie de furo.

Mas o que isso tem a ver com a ciência? Vimos que a ciência, ao afirmar que o universo é infinito e infinitamente matemático, não concebe qualquer limitação externa para suas fórmulas. A partir dela, tudo é possível de ser equacionado visto que não há qualquer tipo de lacuna que impeça a previsão do efeito diante da causa. Não há um ponto do universo que não esteja submetido a isso o que nos indica que a postura da ciência diante do universo é concebê-lo como totalmente acessível a sua abordagem, não deixando restar um *além* sequer.

O ‘gap’ entre a causa e efeito na medida em que é preenchido – é isso mesmo que se chama, numa certa perspectiva o progresso da ciência – faz desaparecer a função da causa, quero dizer, ali onde é preenchido. De forma que a explicação do que quer que seja resulta, na medida em que se completa, e só deixar aí conexões significantes, em volatizar o que a animava no princípio, o que impeliu a se explicar o que não se compreende, a saber, a hiância efetiva. (Lacan, [1959-60]: 327)

Nessa hiância efetiva que faz da história natural o que há de mais antinatural a ciência introduz algo que faz com que essa ‘anomalia’ seja dissipada (Lacan, 1985:16). Se para Lacan (1972: 478) a maneira mais apropriada de se referir à idéia do real seria considerando-a decaída, ou seja, como o que resvala, como “escorregando dos braços do discurso que a estreita”, o discurso da ciência agarra o real ao conceber que, por ser matemático, ele é explicável. Disso já podemos concluir que, tal como na psicose, não há impotência para a ciência, não há exceção para o alcance de seu discurso. É nesse ponto que a remoção do impossível de Koyré e a forclusão do sujeito em Lacan coincidem: a forclusão empreitada pela ciência abordada pelo Lacan é o ilimitado trazido por Koyré.

Fizemos uma alusão no segundo capítulo de uma distinção existente entre o discurso da ciência e a prática científica e neste momento da dissertação é oportuno que nos detenhamos sobre esse ponto. Quando o discurso da ciência sai de um

campo abstrato e tenta se aproximar de uma prática, vimos que é preciso fazer algumas adaptações, algumas concessões ao empírico para que suas formulações possam produzir objetos concretos. O impossível na ciência se presentifica no seu retorno ao mundo, mas aí já não é mais discurso, é prática científica. Talvez por este motivo Lacan (2005b: 61) acrescente ao rol de profissões impossíveis de Freud a profissão do cientista. Talvez seja impossível que a prática científica faça jus ao ideal de ciência contido em seu discurso. Veremos mais adiante que esse será um ponto que nos permite distinguir ciência e psicose.

5.4 O postulado e a reconstrução da realidade

Já havíamos afirmado que a ciência, mais do que construir uma teoria sobre a realidade, constrói uma nova realidade feita de fórmulas. Podemos dizer agora que nessa realidade edificada pela ciência não há impotência e que nisso ciência e psicose coincidem.

Tal como acontece na psicose, quando o *eu* se adapta a um postulado, a ciência é fundada a partir de um postulado sobre o universo, mas se desenvolve produzindo protocolos experimentais que o realizam em um segmento específico da realidade⁶. Vimos no terceiro capítulo que na psicose há um desmoronamento do mundo e que o psicótico trabalha para reconstruí-lo através do delírio. Nas palavras de Freud:

Em uma psicose, a transformação da realidade é executada sobre os precipitados psíquicos de antigas relações com ela [...]. Essa relação, porém, jamais foi uma relação fechada; era continuamente enriquecida e alterada por novas percepções. Assim, a psicose também se depara com a tarefa de conseguir para si própria percepções de um tipo que corresponda à nova realidade [...]. (1924:207)

É deste modo que se dá a edificação de um novo mundo na psicose: partindo um postulado inicial as percepções que chegarem até o sujeito serão moldadas de forma que se harmonizem, que confirmem este postulado. Vimos isso anteriormente na história clínica de Schreber desde o pensamento de que seria agradável ser mulher até a construção do delírio no qual ele tinha lugar no mundo como mulher de Deus, genitor da nova raça.

Seria exagero fazer uma analogia com esse processo de reconstrução do mundo na psicose com o trabalho de construção de uma teoria científica? Sobre as grandes revoluções científicas dos séculos XVII, XIX e XX Koyré (1982: 77) afirma que:

⁶ Para estas noções cf. Milner, J. C. Pour une science du langage, Paris, Seuil, 1995

são revoluções teóricas, cujo resultado não foi a melhoria da conexão entre elas e os ‘dados da experiência’, mas a aquisição de uma nova concepção da realidade profunda subjacente a àqueles ‘dados’.

Já podemos depreender que as leis científicas não estreitam as relações com a visão intuitiva do mundo, que elas não se baseiam nos dados da experiência comum e que, em muitos aspectos, elas os contrariam delineando uma realidade distinta da qual experimentamos. Até a ciência galileana o mundo apreendido pelos nossos sentidos era considerado como mundo real. Com Galileu e depois dele “presenciamos uma ruptura entre o mundo percebido pelos sentidos e o mundo real, ou seja, o mundo da ciência” (Koyré, 1982:55).

O mundo da ciência é a geometria aplicada sendo que é o mundo que está submetido a ela e não o contrário. Desta forma, o que os cientistas modernos empreendiam não era uma crítica ao pensamento que na visão deles era equivocado para substituí-lo por outro melhor. Eles “tinham de destruir um mundo e substituí-lo por outro” (Koyré, 1982:155) e o fizeram abandonando o mundo apreendido pelos sentidos e construindo um novo mundo que se harmonizasse com a sua procedência matemática.

Quando Lacan fala que é o significante do Nome-do-Pai que está comprometido na psicose, vimos que não se trata apenas de um significante, mas do significante que estrutura a realidade compartilhada. Também encontramos na ciência uma profunda transformação da realidade a partir da mudança nos pilares sobre os quais o mundo vinha sendo mantido até então.

É neste ponto – o retorno à realidade, que encontramos uma distinção entre a ciência e a psicose porque vimos que, se por um lado o discurso da ciência dispensa os dados sensíveis para construir suas equações, ela restabelece a relação com o empírico quando ela passa de discurso à aplicação, ou seja, do discurso da ciência à prática científica. Se na psicose há a um postulado inicial a partir do qual as percepções derivam não sendo suscetível de alterações pelo confronto com a realidade, observaríamos que a ciência parte de um discurso – este sim, total, sem brechas, para a aplicação da lei pelo cientista. Esse segundo momento de aplicação prática, com seus objetos e fazeres concretos, há uma retomada da relação entre a prática científica e o mundo na qual importam as respostas que o segundo oferecer às leis científicas (Milner, 1995).

5.5

As complicações de um discurso sem vazio

Sintetizando o que vimos até o momento neste capítulo poderíamos afirmar que ciência e psicose possuem uma forma lógica que inclui uma *Unglauben* diante de um vazio estruturante no saber e que elas reconstroem a realidade a partir de um postulado que termina por foracluir o impossível. Com essas afirmações em mãos, tentemos pensar nas suas conseqüências, tanto para a ciência quanto para a psicose.

Primeiro podemos pensar que é por se dirigir ao real a partir da *Unglauben* é que a ciência pode encontrar aquilo que ela procura. Vimos no segundo capítulo que a ciência trata o real de tal forma que possibilita a extração do saber no real e podemos acrescentar que é essa posição decidida da ciência permite que ela realize as descobertas que tanto fascinam a cultura na atualidade. Mas, nesse mesmo movimento, fica elidida a possibilidade de notar aí a origem desse achado na posição adotada pela ciência e essa origem passa a ser encarada como uma pertencente ao real e não à ciência. Dito de outra forma, é impossível para o discurso científico conceber que é a sua posição diante do real que faz com ela encontre no real aquilo que ela procura, pois aos olhos da ciência isso tem a ver com o real, por ele ser constituído matematicamente.

Questão semelhante pode ser encontrada na psicose. Tentar convencer o psicótico de que a sua visão de mundo é uma construção particular, que tem a ver com ele e não com a realidade em si é um trabalho no mínimo infrutífero. Fazer que o sujeito psicótico se implique com a construção do seu delírio é desconsiderar que não houve *Bejahung* e que, portanto, esse caminho é inviável.

Outro ponto que podemos levantar como conseqüência da inexistência do imponderável na ciência e na psicose é que, se como vimos no primeiro capítulo, o furo tem função na composição e sustentação da estrutura, logo uma construção que o elimine sofrerá as implicações disso no que tange a estabilidade do que foi construído. Na ciência e na psicose a questão sobre a estabilidade do corpo será problemática porque este será constituído de tal forma que não portará nada de infinito, nada além dele que o garanta (Vieira, 1999). Na clínica da psicose encontramos as demonstrações do quanto a ausência de um furo compromete o corpo que foi possível constituir nos fenômenos que refletem as alterações da consciência do eu, do tempo e do espaço, por exemplo. Elementos psicopatológicos como a desrealização do mundo ou a despersonalização (Melo, 1970: 332) nos possibilitam

ver o quanto a falta de uma lacuna, tal como é sustentada quando vinculada ao Nome-do-Pai, ameaça o mundo interno e externo que o sujeito pôde construir.

No mundo habitado pelo gozo incorporal do Outro, o próprio mundo tende a desaparecer diante deste algo que pode estar em todo lugar e sob todas as formas. Um significante – um nome de doença, uma identidade, um nome de perseguidor – é justamente aquilo que freqüentemente vem fazer furo neste real [...]. (Vieira, 1999)

Diante desta ameaça, a saída para o sujeito psicótico é a construção de barreiras que o defenda desse ataque sem corpo através da localização de um personagem externo como seu algoz nas síndromes paranóides, ou de algum mal no seu próprio corpo nas melancolias, por exemplo. Mas, diferentemente da neurose esse furo não se dá através do Nome-do-Pai, constituindo-se como um modo de amarração distinto (Cerdeira, 2008), com características e implicações distintas.

Para fazer um paralelo entre as conseqüências da foraclusão do Nome-do-Pai na psicose com os efeitos da foraclusão do sujeito pela ciência, deveremos ampliar o escopo de nossas observações, visto que a incidência da ciência se dá sobre o sujeito, mas através da cultura.

Essa posição da ciência justifica-se por uma radical mudança de estilo no tempo de seu progresso, pela forma galopante de sua imissão em nosso mundo, pelas relações em cadeia que caracterizam o que podemos chamar de expansões de sua energética. Em tudo isso nos parece radical uma modificação em nossa posição de sujeito, no duplo sentido: de que ela é inaugural nesta e de que a ciência a reforça cada vez mais. (Lacan, 1965: 870)

Temos insistido na distinção entre o discurso da ciência com sua abolição do impossível da prática científica, em que o impossível retorna. Agora é preciso tomar a ciência como discurso que tem efeitos importantes sobre a cultura através das suas invenções, de suas conquistas. As fabulosas descobertas da ciência transmitem a mensagem de que a ela tudo é possível e o social tem se interessado por isso. Uma cultura que crê que tudo pode estará bem próxima da ausência de impotência psicótica, isto é, uma construção imaginária da realidade na qual a ciência tudo poderia. É como se abolindo a impotência do universo a ciência tivesse criado um mundo em que todos acreditam que não há impossíveis (Vieira, 2008a; Miller *apud* Vieira, 2008b).

Buscando ilustrações do que temos referido como efeitos do discurso da ciência na cultura, cotejaremos as características da “sociedade líquido-moderna” de Zygmunt Bauman (2009) com as reflexões da psicanálise sobre o mesmo campo. Segundo Bauman (Ibid.: 7) “‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as

quais agem seus membros mudam num tempo muito curto”. Essa fluidez do tempo na vida líquida trouxe problemas na constituição da individualidade porque na modernidade, além dessa imagem parecer não sossegar, há a exigência de que se tenha uma imagem consistente o tempo todo, o que traz o eterno trabalho de confecção de uma nova individualidade a todo o momento. Aliado a isso, Bauman (2009: 16 et. seq.) destaca que a busca pela identidade vai se dar a partir de imagens prontas pra uso, oferecidas dentro de um discurso *faça-você-mesmo* que tornam essa viagem de auto descoberta um passeio pela feira onde encontraremos modelos de individualidade oferecidos no atacado. Caberá ao freguês e candidato a indivíduo

escolher o melhor padrão (de identidade) entre os muitos atualmente em oferta, montar as partes do kit vendidas separadamente e apertá-las de uma forma que não seja nem muito frouxa (para que os pedaços feios, defasados e envelhecidos que deveriam ser escondidos embaixo não apareçam nas costuras) nem muito apertada (para que a colcha de retalhos não se desfaça de uma vez quando chegar a hora do desmantelamento, o que certamente acontecerá). (Bauman, 2009: 13)

Essa tentativa em consistir através das imagens que o mercado não cansa de ofertar resulta, entre outras conseqüências, em um consumismo desenfreado que reflete a busca pelo o que, afinal, se é.

A partir da incidência da ciência sobre a cultura, o furo deixa de ter espaço e a estabilização da imagem, do *eu*, passará a se dar de uma maneira diferente do que aquela garantida pelo Nome-do-Pai. Essa estabilização, por não advir do Nome-do-Pai, por ser uma identidade *autoempregada* e *autoatribuída* não porta esse vazio e não satisfará como contorno. Os indivíduos da sociedade moderna

não encontram um “porta-voz” confiável (que sustente para nós o que não conseguimos sustentar quando deixados por nossa própria conta e que nos assegure diante do caos uma certa permanência de origens, propósitos e ordens). (Bauman, 2009:45)

As hipóteses de Bauman parecem coadunar com as opiniões de Lacan sobre o assunto. Sem notícia disso que evocamos como *vazio estruturante*, sem o crivo do Nome-do-Pai o *eu* se formará “no impasse dialético da bela alma que não reconhece a própria razão de seu ser” (Lacan, 1953: 283)⁷. Será preciso sempre mais imagens novas, em acordo com o que sugere o momento, incessantemente.

Um outro viés da exigência ininterrupta de consistência na sociedade líquido-moderna se manifesta na imposição da fruição do prazer imediato, o que Bauman descreve como “uma enfática negação da virtude e da procrastinação e do preceito de

⁷ Ver também em Lacan, 2005b: 39.

‘retardar a satisfação’” (2009:83). Os indivíduos modernos vivem na direção da obtenção do máximo possível de satisfação e a postergação ou a diminuição disso não é bem vista. A sensação do prazer será tida como via possível de algum contorno, mas precisará ser constantemente renovada visto o seu efeito passageiro. Teremos, então, sujeitos ávidos por sensações, agitados pela exigência de prazer e para quem a lógica fálica não fará sentido algum.

Estamos quase no avesso do tempo freudiano. Testemunhamos a tônica da satisfação ao passo que, no início do século XX abordava-se o prazer valendo-se, sobretudo, da falta e da interdição. (Vieira, 2008: 89)

O gozo fálico não atenderá as demandas dessa sociedade que encaminhará seus pedidos a outras instâncias, essas sim, capazes de responder prontamente. Bauman mostra-se sensível ao entendimento das questões referentes à modernidade ao afirmar que a raiz deste problema não está na indústria de consumo porque esta só se configurou de maneira a poder atender, uma “forma de vida” (Bauman, 2009: 83) em voga na atualidade. Estamos afirmando, com Lacan que essa forma de vida é uma maneira de se postar diante da linguagem que está relacionada ao discurso da ciência.

Ao foracluir o imponderável, a ciência instaura uma cultura que se pretende sem brechas e sem impossíveis e que se organiza no sentido de alcançá-los. Mercado, relações, lazer, tudo deverá ser configurado no sentido de não provocar interrupções, de oferecer sempre mais. Daí que “é preciso perceber que não se pode mais contar com o cansaço do Outro para interromper a dança” (Vieira, 2008: 104) porque esse Outro de tempos atrás que intervinha interditando mudou e põe à disposição as mais variadas invenções que são capazes de tornar essa dança ilimitada.

Diante de proposta tão atraente por parte da ciência, o que pode a psicanálise na cultura?

5.6 Impasses, limites e caminhos possíveis

Lacan (1965) elenca os diferentes campos de saber que abordam a verdade sobre o sujeito distinguindo a psicanálise da religião, da ciência e da magia. A religião, ao colocar Deus como resposta pela causa do sujeito, termina por denegar a verdade em causa no último; a magia, por sua vez, recalaria esta causa colocando em seu

lugar uma intervenção simbólica que implicaria a negligência e a alienação do sujeito sobre tal operação, enquanto a ciência implicaria na forclusão desta causa (Freire et. al., 1996: 25). Podemos perceber que este processo de negativização do sujeito é comum a estas três visões de mundo – religião, ciência e magia; e já podemos afirmar que é algo divergente desse processo que vai situar a posição da psicanálise diante do campo do sujeito.

Temos na conhecida frase de Freud “*Wo Es war, soll Licht werden*”⁸ uma pista inicial do que seria o posicionamento da psicanálise diante do campo do sujeito. A leitura mais interessante que podemos fazer dessa famosa afirmação de Freud é que não se trata nem de recuperar uma parte do sujeito que se encontrava alhures para a incorporação desta parte por seu todo, nem de passar a saber sobre tal parte, mas sim marcar que essa é uma divisão radical na qual o que está em jogo não é da ordem do saber, mas da verdade.

Dizer que o *eu* deve advir é assumir que eu não sou causa de mim mesmo, que a minha causalidade - a verdade da verdade, está no inconsciente. Sobre isso, Lacan (1972) posteriormente viria acrescentar que essa verdade/causa não cabe na fala porque não seria possível por estrutura dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro. Essa impossibilidade se justifica porque esse saber só poderia acontecer através da linguagem, o que nos alerta de que nesse saber haverá necessariamente um ponto de não saber. Como vimos anteriormente, a linguagem comporta em sua estrutura uma insuficiência que persevera, que faz sempre restar algo de não-articulável. Essa hiância estrutural entre significante e significado instaura um equívoco fundamental a partir do qual, ao falarmos algo sempre sobra. Esse ponto que sempre fica de fora da linguagem, nunca podendo ser dito em sua totalidade é o que faz com que, por acreditarmos que em algum momento daremos conta disso que sobrou, continuemos a lançar mão de mais e mais significantes, infinitamente. Esse fracasso da metalinguagem determina que, por mais que tentemos insistentemente dar conta do recado, o mais perto que chegamos é contornando esse fracasso com vários recursos dos quais lançamos mão - como o sintoma, o ato falho, o chiste, mas que, mesmo assim, não se aproximam do saber por serem estranhos a ele. Mas isso, que pareceria uma maneira de colocar um ponto final na questão, erradicando qualquer chance de acesso à verdade é uma construção de um índice eficaz que aponta para o neurótico a toda hora que há uma verdade, que faz lembrar com o sintoma que há ali uma verdade como causa.

⁸ Lá onde *isso* estava, devo [*eu*] advir. Tradução do texto freudiano proposta por Lacan, 1965: 878.

É a estrutura do significante, separado para sempre de sua significação, que faz com que a verdade se expresse sempre como meio-dizer e que, por sua vez, causa o sujeito provocando o seu movimento na intenção de se achegar, como puder, à verdade. Esse entendimento sobre a verdade a psicanálise tem de original em relação à ciência porque, se na psicanálise a incidência da verdade como causa se dá por um viés de uma causa material, a ciência acentua seu aspecto de causa formal.

Como vimos em pormenores no primeiro capítulo é sobre o sujeito que a psicanálise se interroga e é a ele que a psicanálise desde Freud escolheu dar lugar. Se na ciência a experiência sensível cabe toda em fórmulas, para a psicanálise a incompatibilidade entre real e o simbólico seria uma barreira intransponível, uma limitação imposta para todo ser que seja de linguagem. A psicanálise reconhece a insuficiência própria à estrutura significante de responder, em termos de significação, tudo o que seja do campo do sujeito (Freire et. al., 1996: 30) e, deste modo, todo o contorno ao real que o simbólico possa dar sempre deixará algo de fora. Sempre sobrar algo não processável e isso que é irreduzível e não cabe em nenhuma formação significante funciona como força motriz que impulsiona todo o trabalho de tentativa de significação. É pautada por essa inconsistência própria da estrutura que se constitui a psicanálise e é esse vazio que ocupa para a psicanálise a posição de verdade, o que faz da psicanálise um sistema incompleto que se alicerça justamente nesse vazio (Ibid: loc. cit.).

Mais do que estar ciente desse fora de sentido inerente à estrutura da linguagem, a psicanálise se interessa por isso que resta porque é isso que agita, inquieta e anima o sujeito. Não interessa ao psicanalista a dissolução desse impossível, pelo contrário, este é o seu material de trabalho é o que ele isola para fazer agir durante a análise.

[...] gostaríamos de insistir que é na relação do furo com a fala que a Psicanálise, certamente uma das clínicas da linguagem, trabalha. É com relação ao furo, seja ele tropeço, esquecimento, sonho, lapso, que o psicanalista entra em cena. Freud inventou a Psicanálise apostando em sua ação sobre os furos do discurso e ao mesmo tempo teorizou a relação entre o corpo e seus furos, as famosas zonas erógenas. (Vieira, 2009)

Vimos que este furo é flexível, se apresenta de diversas formas e em situações variadas, sendo móvel e maleável. Quando esse furo se fixa e se enrijece, cabe ao analista encadeá-lo com o mundo, reintegrá-lo à vida, “dar-lhe mobilidade, mais do que fixá-lo com uma explicação ou extirpá-lo com uma intervenção” (Vieira, 2009); da mesma maneira que, nas situações em que este furo se dispersa, perde a localização,

será trabalho da análise uma “uma paulatina localização do centro dessa invisibilidade” (Id., 2008: 74)

No sentido contrário do encontramos na modernidade líquida, a construção de um novo contorno pela psicanálise não estaria necessariamente em consonância com a tendência do momento. Pelo contrário, o que poderia trazer novos arranjos e disposições interessantes estaria mais do lado do brega, do que não faz muito sentido para os outros, do *fora de série*⁹ do que da *última moda* das capas de revista.

A psicose como experiência clínica é um paralelo interessante com a ciência. Primeiro porque ela nos adverte da radicalidade lógica que opera no discurso científico e nos retira da posição de *defensores nostálgicos do furo*. Vive-se sem o furo e a psicose está aí para nos mostrar que há caminhos alternativos ao Nome-do-Pai, então nada de escalas de valor entre o hoje e outrora. Um esforço no sentido de restituir esse impossível na cultura é, no mínimo, ingênuo. Se nos dedicamos mais a interditar do que analisar o modo como se estabelece o gozo, estamos declarando o fracasso da psicanálise e enveredando por outras intervenções, talvez moralistas, policialescas. Nada de desespero, de previsões apocalípticas sobre a modernidade. Isso não só não adianta, não opera mudanças no *status quo*, como também pode paralisar, resvalar para um discurso niilista do tipo *é o fim do mundo*.

A analogia ciência-psicose também vale porque como já conseguimos alguns avanços na clínica das psicoses, estes podem nos servir diante deste campo tão novo e tão árido que é a modernidade, indicando limites e possibilidades.

Como limite, vale a advertência de que, apesar da insistência na relação entre ciência e psicanálise, não devemos pretender com isso fazer com que a ciência se submeta ou se interesse pela existência do sujeito. Se estamos de acordo com Koyré e Lacan, temos que entender o discurso da ciência como sendo total, sem divisão e que seria tolo se empenhar em uma busca por brechas nele porque isso em nada muda o funcionamento da ciência. Este seria um equívoco semelhante ao de tentar contestar o delírio do psicótico através de uma contradição lógica ou fundamentada na realidade.

Tal como na psicose, a forclusão do impossível na ciência moderna é viga mestra do seu edifício teórico e defender a existência e o papel estruturante do

⁹ As reflexões trazidas nessa dissertação sobre esse *fora de série* como uma marca que individualiza são oriundas do seminário “Invenções – A política do sintoma” realizado na EPB seção Rio, ministrado por Marcus André Vieira.

impossível para a comunidade científica é tolice porque não reverberará, porque não encontraremos quem nos queira ouvir. Talvez a posição mais interessante seja estar avisado da ausência de lacuna na ciência para pensar a partir da psicanálise o que é possível diante desse totalitarismo.

Em “O triunfo da religião” Lacan (2005b: 63) dá a indicação de que caberá à psicanálise dar lugar aos efeitos da ciência na cultura porque é da alçada da psicanálise dar lugar ao que não tem lugar no mundo porque não funciona, se ocupar do que não é mundo, mas sim imundo. Nesse mesmo texto, Lacan fala da física - representante da ciência moderna, como sendo inumana e, logo à frente ele afirma

Vocês vêm como são as coisas. As coisas são feitas de esquisitices. Talvez seja um caminho pelo qual se possa esperar um futuro da psicanálise – ela devia se dedicar suficientemente à esquisitice. (Ibid.: 64)

Ao falar da posição daqueles que se ocupam em tratar de psicóticos, Lacan (1955-56: 235) lança a célebre expressão de que, nesses casos, talvez tenhamos “que nos contentar em passar por secretários do alienado” fazendo referência aos comentários da época sobre a impotência da abordagem psicanalítica a estes pacientes. Mas, em vez de considerar que esta é uma função somente limitada, Lacan faz ver que esta é a função e que nela o analista pode escutar o sujeito além dos fenômenos psicopatológicos, pode “aceitar o testemunho do alienado em sua posição em relação à linguagem” (Ibid.: 238).

A novidade é que, podendo situar as coisas em seus devidos lugares, principalmente reconhecendo os limites da psicose implicados em sua especificidade, ela (a psicanálise) pode propor agenciamentos mais plausíveis para a loucura, em vez de calá-la, quer pela droga, quer por uma pedagogia que a situa como uma variante da debilidade mental. (Fernandes & Rocha, 2004)

A psicanálise, por conceber que o sujeito constitui-se na linguagem, entende que este não equivale ao *eu* e que ele não se constitui necessariamente submetido à realidade. Por isso a psicanálise não orienta suas investidas no sentido de uma pedagogia que pretenderia submeter o sujeito a uma realidade compartilhada, à reintegração de um *eu*, pelo contrário, ela visa recolher o que há de próprio da psicose nesse sujeito, para, estando informada disso, intervir a partir desse funcionamento e não apesar dele. É dessa posição que a psicanálise pode contribuir no tratamento dos psicóticos, isto é, retomando as particularidades da psicose como manifestações de sujeito e que, portanto, devem ser levadas em conta e não erradicadas ou anuladas.

Acalmados os ânimos talvez seja possível insistir sobre o verbo “dedicar” - verbo escolhido por Lacan para designar a missão da psicanálise diante das esquisitices. Dedicar pode se referir a se aplicar, empregar tempo e/ou esforço e empenhar-se por algo. Mas pode significar também dar-se, pôr-se a serviço de.

Podemos aceitar essa tarefa humilde e difícil também diante da ciência? Seremos capazes de aquietar nossas expectativas, nosso “furor sanandi”¹⁰ (Freud, (1915[1914]): 188) e escutar do sujeito o destino que ele tem dado à mensagem que ele recebe da cultura? Tal como é na clínica da psicose, teremos que nos dedicar, a partir do que Freud e Lacan já deixaram como diretrizes para a clínica, a recolher as alternativas particulares improvisadas por cada sujeito.

¹⁰ Paixão por curar pessoas

6 Conclusão

Estou ciente de que as conclusões provisórias a que chegamos nessa dissertação de modo algum refletem um consenso sobre os temas abordados, e de que estas são as conclusões que foram decantando a partir de escolhas realizadas ao longo do caminho. A leitura dos textos sobre os assuntos discutidos é uma dentre muitas leituras possíveis e, conseqüentemente, a conclusão carregará a marca dessa escolha.

Nossa pergunta inicial consistia em localizar os pontos de aproximação e de distinção existentes entre o discurso da ciência e a psicose. Não se trata, obviamente, de uma analogia escolhida aleatoriamente, mas sim porque já dispúnhamos de algumas “cartas na manga” como a identidade da operação lógica em ambas – a foracclusão, e pelo paralelo entre elas lançado por Lacan aqui e acolá em sua obra (1965: 884). Traçamos uma trajetória linear passando pelo sujeito da ciência e o da psicanálise, pelos fundamentos da ciência moderna, pela foracclusão do Nome-do-Pai na psicose e pela foracclusão do sujeito na ciência, para conseguirmos estabelecer as comparações entre uma e outra. Em cada passo, algumas considerações ganharam um contorno maior, são estas que trago como conclusão, não esquecendo de, ao final, trazer também o que ainda está por concluir.

Iniciamos com uma discussão sobre o sujeito da ciência e o da psicanálise que nos autorizou a diferenciar o sujeito da psicanálise do *eu* (Lacan, 1957:521). Se nos acercamos das leis da linguagem para tentar localizar o sujeito, o mais perto que conseguimos chegar disso foi situá-lo a partir do célebre aforismo lacaniano de que um sujeito é o que um significante representa para outro significante (Lacan, 1970: 411), em um intervalo, *entre* os significantes.

As leis da linguagem e as exigências para a construção do que veio a ser o sujeito da ciência nos informam de que o sujeito da psicanálise não tem consistência,

não tem centro nem uma boa forma: ele é furo, um vazio, o que nunca cabe na articulação entre os significantes. Referimo-nos ao sujeito da psicanálise como um ponto não articulável, como impossível, por ele desempenhar a função fundamental de compor e sustentar a estrutura.

Ensaíamos algumas conseqüências possíveis dessa concepção de sujeito seguindo M. A. Vieira e afirmando que a superfície, o corpo, assim como o *eu* não estão dados a priori, mas são efeitos de uma operação que faz do todo mais do que a soma de suas partes porque esse corpo tem na sua composição algo que está além dele que lhe confere vida. É esse além, esse impossível que introduz a contingência, o inesperado, a originalidade na vida.

A contingência incutida pelos falsificacionistas – aqui representados por Popper, às concepções científicas é extinta e todas as leis científicas deixam de portar uma limitação inicial que as engendrou para se tornarem necessárias (Milner, 1996). Qual o lugar que a contingência pode ter dentro de uma *Weltanschauung* que parte do postulado de que o universo todo é totalmente teorizável? Se tudo o que há, todo o campo empírico é matema com leis e estrutura acessíveis, existe algum vazio, algum ponto cego diante do qual essa ciência seja impotente? A resposta é negativa, pois vimos no segundo capítulo que na ciência não há lugar para o imponderável e podemos nos juntar à Lacan em sua afirmação sobre a forclusão do sujeito na ciência.

A partir da teoria da psicose em Freud e Lacan foi possível notar a radicalidade e os efeitos da forclusão do Nome-do-Pai, circunscrevendo-o como significante que organiza aquilo que é caótico e disperso dando contornos ao furo sem extingui-lo (Lacan, [1955-56]: 303). Mas, da mesma forma que sublinhamos as conseqüências da forclusão do Nome-do-Pai ressaltamos que, de modo algum, devemos supor que o impossível não exista, visto que na psicose há a chance do sujeito encontrar articulações alternativas, impossíveis *improvisados* diante da falta desse significante. Se a metáfora paterna não pôde operar e o psicótico não dispõe do Nome-do-pai para se situar na existência, ele terá de fabricar uma referência sem esse suporte.

A fabricação artesanal de uma verdade própria pelo psicótico produz uma verdade sem brechas, de cunho imaginário, diferente da verdade no infinito sustentada pelo Pai (Lacan, 1958: 584; [1975-76]: 23). O impossível inerente à estrutura da linguagem é forcluído na psicose e isso se apresenta em alguns fenômenos

psicóticos que evidenciam uma junção entre significante e significado - manobra que a estrutura psicótica possibilita (Lacan, [1955-56]: 17).

Na psicose assim como na ciência há a *Unglauben* (Lacan, [1959-60]: 163), a não-crença no Pai, o que desemboca em uma apresentação de impossível, não como vazio, mas como significação, de forma eminentemente imaginária e, como ilustração dessa figuração imaginária do impossível na psicose, lançamos mão do delírio (Lacan, [1955-56]: 104). Desta forma foi possível que concluíssemos que tanto o postulado delirante quanto o postulado científico são, um modo de fazer com o furo que, diferentemente da neurose, não se sustentam no binômio culpa-impotência. Ao inscrevermos a neurose como submetida à norma fálica, indicamos que nela a potência absoluta estará proibida porque o acesso a esta estará sob o domínio do Pai. Na psicose não encontramos essa impotência porque o impossível ganha significação e passa a ser explicável, acessível, mesmo se figurado como um Outro absoluto. A ciência, por sua vez, não concebe qualquer limitação externa para suas fórmulas, não há exceção para o alcance de seu discurso e isso vai repercutir na maneira como a ciência se dirige ao mundo.

Vale lembrar que neste ponto também encontramos uma distinção entre a ciência e a psicose porque vimos que, se por um lado o discurso da ciência dispensa os dados sensíveis para construir suas equações, ela restabelece a relação com o empírico quando ela passa de discurso à aplicação, ou seja, do discurso da ciência à prática científica (Milner, 1995). A ciência parte de um discurso – este sim, total, sem brechas, entretanto ela precisa retornar ao mundo para a aplicação da lei pelo cientista. Nesse segundo momento de aplicação prática, com seus objetos e fazeres concretos, há uma retomada da relação entre a prática científica e o mundo na qual importam as respostas que o mesmo possa oferecer às leis científicas

A “sociedade líquido-moderna” de Bauman nos serviu como ilustração da ação do discurso científico sobre a cultura e sobre os encaminhamentos dados como resposta à forclusão do sujeito. Podemos dizer que são respostas que buscam a construção de uma consistência pelo consumo ou pela busca incessante de sensações, por exemplo. Seguimos aqui a aproximação empreendida por J. A. Miller entre a pós-modernidade e a generalização de um modo de subjetividade em que o vazio estrutural inexistente.

Apesar dos perigos de “aplicar” a aproximação empreendida por Lacan à realidade de nossos tempos, tomar a clínica da psicose como norte para as reflexões

sobre a posição da psicanálise na modernidade serviu para chegarmos a algumas advertências. Como já é sabido na clínica psicanalítica das psicoses, tentar promover uma implicação do psicótico a partir de uma suposição de saber no Outro, que depende do Nome do Pai, é uma posição que raramente tem efeitos interessantes. Tentar resgatar o que sofreu forclusão, trabalhar como se o que o sujeito psicótico precisasse de “conserto” e pudesse “aceitar” a crença em algo superior que legitimaria a realidade compartilhada é tolice.

Talvez tão ineficaz quanto querer adaptar a psicose, seja tentar pregar a importância da falta, do vazio, enfim de um impossível estruturante para a sociedade moderna. Confrontar a cultura com a importância de uma lacuna, de um intervalo na satisfação será difícil de ser compreendido podendo chegar a despertar a antipatia de todos com um discurso tão radical e *démodé*. No discurso da ciência não há lugar para a psicanálise se ela for a terapia do vazio ou, como afirma Lacan, da “mistagogia do não-saber” (Lacan, 1973: 358). Querer que a ciência dê lugar para a psicanálise e, conseqüentemente, para o sujeito talvez seja de uma ingenuidade semelhante a de querer convencer o psicótico de que seu postulado delirante é um engano.

Mais importante do que dizer que estas intervenções não funcionam nem diante da ciência nem diante da psicose, é observarmos que elas não correspondem ao entendimento da psicanálise sobre essas situações e não são, nem de longe, o que a psicanálise pode ofertar de mais interessante. Freud ao insistir nos mecanismos de defesa como sendo inseparáveis de seu retorno e Lacan ao situar o Nome-do-Pai como uma dentre outras articulações possíveis nos libertam da função de *guardiões do impossível* porque esclarecem que viver com o vazio não é a única nem necessariamente a melhor maneira de se estar na vida.

A clínica de Freud se estendeu principalmente sobre as complicações de se portar um furo, sobre o sofrimento de seus pacientes nos seus encontros com a sua impotência. Causa impacto o encontro com a psicose porque através dela é possível perceber que se vive sem a impotência, que é possível viver de maneira diferente desta. Esses encaminhamentos não serão inferiores ao da neurose, trarão suas conseqüências, tais como o recalque já mostrou as suas (Freud, 1908: 169). Não se trata de banalizar as dificuldades do psicótico estar no social. Dissemos que há um preço a se pagar para viver sem impotência e quem trabalha em saúde mental tenderá a dizer que este é um preço alto.

Além de nos alertar sobre os limites das nossas intervenções, a analogia do discurso científico com a psicose nos traz a chance de refletir sobre os caminhos possíveis para a psicanálise. A função de “secretário do alienado” nos dá a dica de que nossa posição é de recolher a maneira como se constitui esse sujeito, de que maneira ele se posiciona diante da linguagem, por que vias ele goza.

O objetivo principal desta dissertação era avançar nas minhas reflexões sobre a ciência, mas, no momento de concluir essas reflexões, pelo menos por ora, percebo que questões cruciais sobre a clínica da psicose também ganharam terreno entre as minhas dúvidas. O paralelo entre ciência e psicose em vez de ser uma relação na qual a psicose viria para esclarecer este campo mais árido que é a discussão sobre modernidade, configurou-se como meio no qual a ciência pôde servir como questionamento ao que eu dizia sobre a psicose e vice-versa.

Trabalhar na saúde mental, no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba em particular, convocou-me a um esforço em localizar o que é específico da estrutura psicótica em cada paciente e somente a partir de uma prática como essa é que as reflexões contidas nessa dissertação sobre a psicose fizeram sentido. A lida diária com a psicose em conjunto com os espaços destinados a discussão sobre a clínica feita cotidianamente serviu como elemento vivo que questiona e impulsiona a construção do texto. O trabalho na construção desta dissertação, por sua vez, pôde introduzir diferenças no retorno à prática clínica junto à psicose porque para permitir que as minhas concepções sobre a ciência mudassem, eu tinha que mudar o que já estava instituído para mim sobre a psicose.

O tom dessas mudanças que venho citando é, como anunciei na introdução, de otimismo. O deslocamento de uma posição inconformada e alarmista para uma atitude capaz de levar em conta as múltiplas possibilidades de o sujeito estar no mundo, já abre vias de trabalho antes obstruídas. Como exemplo de um caminho que se abre adiante figura o recolhimento de situações que reflitam as questões da modernidade, isto é, que sejam uma repercussão do discurso científico para, a partir do particular, avançar sobre os impasses com os quais os sujeito são confrontados, bem como com as soluções que se delinearão nesses novos tempos.

7 Referências Bibliográficas

ARRIVÉ, M. **Linguagem e psicanálise: lingüística e inconsciente**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. (2009). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência, afinal?** ; tradução Raul Fiker. 1 ed. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

CERDEIRA, A.; VIEIRA, M. A. **Hóspedes e peregrinos: sobre a construção de caminhos possíveis na psicose**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Pós graduação em Psicologia Rio de Janeiro, 2009.

FERNANDES, F.L. F; ROCHA, E.C. Um psicótico ajuizado: incidências da psicanálise no tratamento psiquiátrico da psicose, in: **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 7, n. 1, 2004.

FIGUEIREDO, A. C.; VIEIRA, M. A. Psicanálise e ciência: uma questão de método. In: W. Bevidas (Org.), **Psicanálise, pesquisa e universidade** (pp. 13-31). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

FREIRE, A. B.; FERNANDES, F. L.; SOUZA, N. S. A. **A ciência e a verdade: Um comentário**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos [1900]. In: **Obras Completas**, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A perda da realidade na neurose e na psicose [1924]. In: **Obras Completas**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. As neuropsicoses de defesa [1894]. In: **Obras Completas**, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Além do princípio de prazer [1920]. In: **Obras Completas**, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna [1908]. In: **Obras Completas**, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides). [1911-1913]. In: **Obras Completas**, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise – Conferência XXXV: A questão de uma Weltanschauung [1933]. In: **Obras Completas**, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) (1915[1914]). In: **Obras Completas**, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. O ego e o id [1923]. In: **Obras Completas**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Projeto para uma psicologia científica [1895]. In: **Obras Completas**, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. In: **Obras Completas**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GALILEU, G. Saggiatore, 6. Os pensadores, São Paulo, Abril, 1978.

KOYRÉ, A. **Do mundo fechado ao universo infinito**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária: 2006

_____. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LACAN, J. A ciência e a verdade (1965). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. A nota italiana (1973). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. A subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960a). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. (1958). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **Nomes-do-Pai**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. O Aturdido, (1972). In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: 'Psicanálise e estrutura da personalidade' (1960b). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **O Seminário, livro 10: a angústia [1962-63]**, Publicação Interna do Centro de Estudos Freudiano do Recife, 1996.

_____. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **O Seminário, livro 2:** o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise [1954-1955]. Ed. Zahar, São Paulo, 1985.

_____. **O Seminário, livro 23:** o sintoma [1975-76]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

_____. **O Seminário, livro 3:** as psicoses [1955-56]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. **O Seminário, livro 5:** as formações do inconsciente [1957-58]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **O Seminário, livro 6:** o desejo e sua interpretação [1959]. Inédito CD-ROM – Obra de Jaques Lacan [Sólo lectura].

_____. **O Seminário, livro 7:** a ética da psicanálise [1959-60]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **O triunfo da religião**, precedido de Discurso aos católicos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005b.

_____. Radiofonia (1970). In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

_____. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “*Verneinung*” de Freud (1954). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LISPECTOR, C. **Perto do Coração Selvagem**. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

MAZZOTI, M. Normalidade como sintoma. In: CHAMORRO, Jorge et al. **SCILICET dos nomes do pai:** textos preparatórios para o congresso de Roma. Rio de Janeiro: EBP, 2005. p. 110-112.

MAZZUCA, R. O pai freudiano e o nosso. In: CHAMORRO, Jorge et al. **SCILICET dos nomes do pai:** textos preparatórios para o congresso de Roma. Rio de Janeiro: EBP, 2005. p. 108-110.

MELO, A. L. NOBRE DE – “Da consciência e suas perturbações”, In: **Psiquiatria**, v.1, Cap. VIII. São Paulo: Atheneu Editora, p. 321-352, 1970.

MILNER, J. C. **A obra clara**: Lacan, a ciência e a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MILNER, J. C. **Pour une science du langage**, (tradução M. A. Vieira, inédita) Paris, Seuil, 1995.

PRADO, M. **Estamira**. 2004. DVD. Documentário

RABINOVITCH, S. **A forclusão**: presos do lado de fora. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

REGNAULT, F. **Em torno do vazio**, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2001.

TENÓRIO, F.; ROCHA, E.C. "A psicopatologia como elemento da atenção Psicossocial", In: **Psicanálise e saúde mental** – uma aposta. Cia de Freud Editora, Rio de Janeiro, 2006.

VIEIRA, M. A. Cogitações sobre o furo. **Ágora** (PPGTP/UFRJ), Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1999. p. 43-52.

_____. Clínica e linguagem ou o furo na prática. **Paidéia**, Ribeirão Preto, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2009000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 de jan. 2010.

_____. **Invenções**: a política do sintoma. Curso ministrado na EBP-Rio. Rio de Janeiro, 2008.

_____. Hipermodernidade Lacaniana. In: **Latusa**, Rio de Janeiro, v. 9, 2004.

_____. **Lições da psicose**. Curso ministrado Instituto Phillipe Pinel. Rio de Janeiro, 2008.

_____. Psicanálise e felicidade ou dez razões para a política do sintoma. **Agente**: revista digital de psicanálise, Rio de Janeiro, v. 5, out. 2008a. Disponível em <http://www.ebp.org.br/bahia/agente/agente_digital_05.pdf>. Acesso em: 15 de fev. 2010.

_____. **Restos**: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise, Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008b.